O AUTÔMATO

EDIÇÃO 06

Entre Luzes e Sombras





Copyright © 2025

Todos os direitos reservados.

@OAUTOMATO_REVISTA

Seleção de contos: Glenda Barros e Thays Diniz

Edição e Diagramação: Allan F. F. Gouvea

Revisão: Glenda Barros e Mari Monstay

Leitura crítica: Allan F. F. Gouvea e Marieddie

Capa: SeaArt (editada por Allan F. F. Gouvea)

Ilustrações internas: Allan F. F. Gouvea e Cássia Amalice

Autores:

Carol Soares, Fernando Mazetti, Julian Gutierrez, Lander LizDae, Luana Fé, Myllene Wan Der Maas, Queli Rodrigues, Rodrigo Ortiz Vinholo, Roger Dörl e Silva Writer

SUMÁRIO

Editorial..... 05

Porto do Recife 1824 - Julian Gutierrez..... 06

Sombra e Luz em Korole - Fernando Mazetti..... 12

Bad Wolf - Silva Writer..... 17

A Janela do Quarto da Minha Casa - Lander LizDae..... 24

O Sol Negativo - Roger Dörl..... 31

O Sultanato - Myllene Wan Der Maas..... 42

O Imune e as Ilhas Mortas - Rodrigo Ortiz Vinholo..... 47

Laços Familiares - Carol Soares..... 54

Uma História Em Três Atos - Queli Rodrigues..... 60

As Sementes de Tallin - Luana Fé..... 65

EDITORIAL

Prezados leitores e entusiastas da literatura,

Nesta sexta edição da revista O Autômato, mergulhamos novamente no gênero da Fantasia, desta vez adentrando em territórios onde luz e escuridão coexistem em um equilíbrio tão constante quanto tênue, e sempre desafiando a compreensão e os limites de suas naturezas. Em "Entre Luzes e Sombras" apresentamos histórios que exploram portais misteriosos, nos convidam a enfrentar o desconhecido e a desvendar os segredos que se escondem sob a superfície do mundo visível.

As narrativas selecionadas contêm diversos elementos fantásticos, desde fadas luminosas escondidas nas sombras a reinos distantes onde a opressão desperta insurgência e luta contra a supremacia. De criaturas furtivas a tecnologias que conectam a realidade com a magia, os contos desta edição refletem a dualidade que habita em cada um de nós: as luzes que guiam nossa esperança e as sombras que escondem nossos segredos mais profundos.

Que cada história lida seja uma jornada e proporcione aos leitores uma reflexão e, acima de tudo, uma experiência transformadora. Por fim, agradecemos por embarcarem conosco em mais um capítulo desta jornada literária entre o fantástico e o real.

Boa leitura!

Equipe O Autômato

Porto do Recife, 1824

Por Julian Gutierrez

Porto do Recife, 1824.

Uma gaivota voa ao longe.

As fragatas francesas se posicionavam para bombardeio.

Alinhados em fileiras, aguardávamos as ordens do coronel, apreensivos. Onde estará o Almirante Cochrane?

O Coronel Falcão pouco o estimava. Dizia faltar-lhe a fibra da convicção, como é comum aos mercenários. Ainda assim, procurávamos, aflitos, sua esquadra no horizonte. As embarcações invasoras, ancoradas ao longo da orla, agigantavam-se, revelando um poderio assombroso.

As tropas inimigas desciam pelo estreito de areia. Ouvimos os gritos do coronel, organizando a defesa. No alto, sobrevoando à baixa altura, um balão ameaçador carregava um enorme relógio. Em meio às alavancas, manivelas e engrenagens, o Conde de Saint Germain em pessoa o conduzia. Uma sombra de mistério refletia aquela figura maldita que diziam viver através dos séculos, dominando as artes do oculto.

Um destacamento vinha em nossa direção de maneira imprudente. Decerto, desconheciam os números de nossas forças. Aguardamos para nos engajar em combate. Surpreendemos o inimigo com uma primeira bateria de rajadas a menos de trinta metros. Vários caíram, antes mesmo de escutarem os tiros. Quando os sobreviventes perceberam que seriam sobrepujados, seus olhares delataram o desespero que os tomava.

Então pareceu que todos os sons cessaram. Senti tontura e vi todos pararem de lutar. Olhei acima e avistei o conde, operando seu maquinário no

balão. Os ponteiros do relógio começaram a retroceder, enquanto a visão ensolarada da praia desvanecia, tal qual a lembrança de sonho distante.

Porto do Recife, 1824.

Uma gaivota voa ao longe.

As fragatas francesas se posicionavam para o bombardeio.

Alinhados em fileiras, aguardávamos as ordens do coronel, apreensivos. Onde estará o Almirante Cochrane?

A confusão encobria nossas mentes nubladas. Tudo parecia se repetir. No entanto, não havia sinal do destacamento inimigo. O Coronel Falcão gritava para que voltássemos à si. O conde, afinal, era conhecido por seus truques e suas máquinas engenhosas, transgredindo as leis naturais. Finalmente, notamos que os franceses preparavam uma estratégia diferente dessa vez.

Evitando o confronto direto, contornavam o campo de batalha, a fim de chegar ao forte que se impunha atrás de nós. Ao perceber seus planos, corremos para alcançá-los aos pés do edifício. Seria uma batalha sangrenta. Entretanto, outra divisão vinha em nosso auxílio, flanqueando os franceses pelo norte.

O inimigo descarregou a artilharia, enquanto nosso reforço revidava. Alcançamos os invasores quando estavam recarregando suas armas. Mesmo uma emboscada não funcionaria de maneira melhor. E quando apontamos nossos mosquetes, os sons começaram a cessar. O conde, em seu balão, manuseava as alavancas com destreza. Vi, de soslaio, os mastros dos navios do almirante.

Porto do Recife, 1824.

Uma gaivota voa ao longe.

As fragatas francesas se posicionavam para o bombardeio.

Alinhados em fileiras, aguardávamos as ordens do coronel, apreensivos. Onde estará o Almirante Cochrane?

De volta à posição inicial, retomávamos a consciência do ocorrido. O imponente balão vermelho-sangue estava quase sobre nós. Em desespero, os soldados apontaram suas armas para o alto. O coronel enfurecido ordenava com sua voz rouca para que não atirassem. Os sons de estouro e o cheiro de pólvora tomaram aquele lado da praia.

O vento dispersou a fumaça rapidamente e pudemos avistar o balão flutuando intacto. Balas não podem derrubar um balão, como qualquer soldado experiente sabe. Contudo, nossa atitude desesperada agora revelava a terrível situação que nos pusemos. Enquanto recarregávamos os mosquetes, uma tropa avançava a grande velocidade contra nós.

O reforço, do outro lado da praia, demoraria muito a chegar. Olhei para o mar, procurando a esquadra do almirante, que se aproximava, ainda longe. Estávamos dispersados e alguns corriam sem direção. Fechei os olhos, com medo, enquanto ouvia os gritos no idioma do inimigo. E, ao som de tiros, senti a vida abandonar meu corpo.

Porto do Recife, 1824.

Uma gaivota voa ao longe.

As fragatas francesas se posicionavam para o bombardeio.

Alinhados em fileiras, aguardávamos as ordens do coronel, apreensivos. Onde estará o Almirante Cochrane?

Não entendi o que ocorreu. De volta à nossa posição, as memórias

pareciam embaralhadas. Imaginei que o inimigo fora flanqueado novamente, o que fez o conde ativar seu grande e enigmático relógio. Fato era que estávamos todos vivos e bem. Os soldados gritaram como se tivessem vencido a morte. Repleto desse ânimo irracional, supus que poderíamos vencer os artifícios perversos dos invasores.

No mar, a frota do almirante se aproximava. Acredito que o mesmo plano se desenhou espontaneamente em nossos pensamentos. A artimanha do conde, afinal, só afetava uma área limitada da praia, permitindo, assim, que o almirante se aproximasse, para nossa salvação. Se conseguíssemos distraí-lo por mais tempo, nossos navios iam surpreender a esquadra inimiga.

O coronel liderou o regimento como isca, evadindo da praia. As tropas francesas se reuniam para uma investida contra o forte. A sombra do balão se projetava inclinada, conforme o conde diminuía a altura. Nos preparávamos para um ataque rápido e uma batalha longa. Deveríamos recuar para fazer o inimigo acreditar em nossa fuga. Não pude conter um parvo sorriso, provocado pela emoção que percorreu meu corpo.

A primeira rajada os deixou confusos. Batemos em retirada para nos proteger num monte. Poucos instantes depois, ouvimos o ruído do movimento das tropas. Caíram na armadilha. A segunda rajada foi respondida à altura. Alguns soldados tombaram. A distância era muito grande para maiores danos. No entanto, os franceses dispunham de melhor arsenal e treinamento. Conseguiam recarregar mais rápido. Os navios do almirante já cercavam o horizonte. Precisaríamos resistir mais um pouco.

O inimigo atacou com ferocidade. Pareciam se multiplicar nas areias do porto. O sol queimava nossos olhos castigados pela areia e fumaça. O coronel nos impelia com a verve de guerreiro dos mitos antigos. Mas a força invasora era poderosa. Caíamos um a um. Recuamos ainda mais, às sombras dos contrafortes. Estávamos encurralados. O medo dominou minha alma mais uma vez.

Então, os graves e turbulentos sons de artilharia naval se espalharam por toda a praia. O almirante havia alcançado o inimigo. O conde, longe demais, foi obrigado a levantar voo, pois sua retaguarda estava sob ataque. O seu dispositivo maldito era inútil agora. As tropas inimigas batiam em retirada. O coronel vibrava:

— Viva, Cochrane! Viva o almirante e os seus descendentes por cem anos!

A noite chegava e o calor da batalha se transformava numa amena quentura no peito. Aquela história haveria de ser contada por gerações. A Confederação do Equador havia rechaçado as forças invencíveis do imperador-general Bonaparte, a despeito de suas armas secretas, as mesmas que o levaram a subjugar toda a Europa. Dormi e sonhei com a glória conquistada no campo de batalha, com a recepção do povo celebrando sua liberdade. Sonhei com a praia, com as vilas do interior e com a esplêndida capital. Sonhei.

Pela manhã, as notícias corriam rápido, tal como as balas que zuniram entre nós, no dia anterior. Soubemos de um ataque no Ceará, vindo da Guiana Francesa. Ávidos por informações, esperávamos, angustiados, pelos mensageiros, enquanto a desolação tomava nossos espíritos. Por fim, vieram os relatos. Fortaleza havia tombado. A batalha do Porto de Recife havia sido uma distração, cuidadosamente planejada para nos dominar.

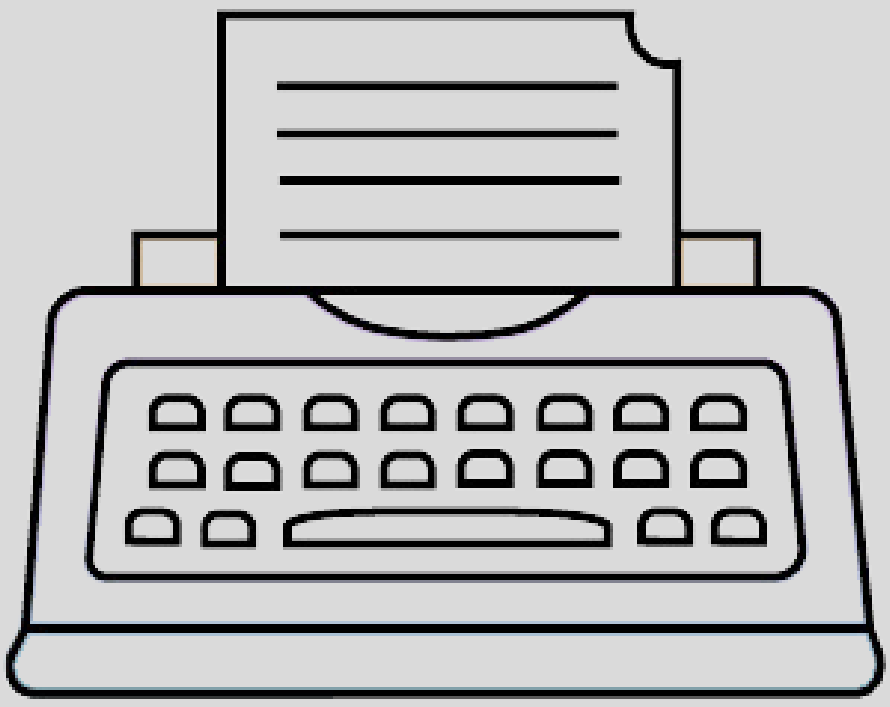
Fugimos para o interior. Durante dias fomos perseguidos. Semanas se passaram. Nada parecia perdurar diante das máquinas bélicas do conde e do Império Francês. Bolívar e a Grã-Colômbia seriam os próximos a cair. Passei a utilizar outra identidade e vi os anos passarem em uma pequena vila onde me assentei. Nunca constituí família, pois ainda sentia medo dos invasores me apanharem e cometerem atrocidades contra almas inocentes, tal como se escutava em rumores de todas as partes.

Não obstante, o dia da batalha me assombrava: o ar salgado ardendo na pele e a visão do terrível conde, descomedido, preparando maldades de todo tipo. A Confederação do Equador se tornava uma memória amarga de tempos efêmeros onde ousamos anunciar nossa liberdade. Para nós, aquilo era tudo, e tudo seria o mínimo que aceitaríamos, sem jamais nos render nem vacilar. Febril, cerrei os olhos, numa noite úmida em minha cabana, perdida na vastidão do meu próprio vazio e, então, rezei para que os santos me acolhessem em límpida morada distante do mundo.

Porto do Recife, 1824.

Uma gaivota voa ao longe.

Julian Gutierrez é analista de sistemas e contista. Publicou histórias de ficção científica, horror e mistério por diversas editoras e organizou a antologia de horror cósmico "Além do Limiar da Loucura" (Editora Cyberus, 2024).



Sombra e Luz em Korole

Por Fernando Mazetti

Korole: um mundo sombrio governado pelo temido Rei Kavi IX. Desde o estabelecimento do regime autoritário, os roedores vivem sob constante opressão e medo, suas vidas se tornando um pesadelo de tirania e injustiça. No entanto, nas luzes de um velho bar, na periferia do reino, um pequeno grupo de rebeldes alimenta a chama da esperança, sonhando com um belo futuro.

Os irmãos Elde, Darso e Falli são os mais inquietos. Juntamente com o Marquês Gofon, um estrategista habilidoso e generoso, eles planejaram uma última investida em busca do tesouro sagrado. Acreditam que, com tal poder em suas mãos, podem finalmente respirar o ar da liberdade e livrar seu povo da opressão.

Com os corações cheios de determinação, os quatro partiram em uma aventura através das entranhas escuras e perigosas da floresta de Korole. Cada passo era marcado pela ameaça iminente de serem descobertos pelos espiões do reino, mas eles persistiam, alimentados pelo fogo da esperança que ardia dentro deles.

Guiados por mapas antigos e lendas esquecidas, enfrentaram diversas adversidades e armadilhas. Em uma área aparentemente segura, depararam-se com perigosas areias movediças encantadas. Elde adentrou o local e a areia começou a se mexer, puxando-o para baixo. Rápido, o Marquês percebeu a ameaça e, com cipós habilmente manejados, criou uma ponte segura para a travessia.

Avançando, encontraram uma clareira que, ao ser alcançada, revelou mecanismos com enormes dentes de aço surgindo das árvores, fechando-os em uma sala de metal. Darso, astuto, percebeu a possibilidade de escalar os dentes de metal antes de eles se fecharem, permitindo a eles escapar da armadilha mortal.

Mais adiante, uma névoa mágica envolveu o grupo, revelando armadilhas de aprisionamento com correntes místicas que os prenderam a uma gigantesca árvore. Usando seus potentes dentes, roeram o tronco para afrouxar as amarras e seguir viagem.

Finalmente, ao alcançarem o local indicado pelos mapas: uma surpresa. Em vez de um tesouro brilhante, armas reluzentes ou até mesmo alguma riqueza, encontraram apenas um antigo pergaminho, úmido e inelegível, esquecido pelo tempo.

Gofon começou a rir dos irmãos, revelando-se um traidor, e com um aceno de seus pequenos dedos, os espiões do rei surgiram por de trás das árvores. Estavam exageradamente armados, prontos para capturá-los.

— A prisão de vocês irá servir para me colocar novamente junto ao Rei, como Marquês — com os olhos brilhando de excitação —, talvez até Duque.

Com lágrimas nos olhos e corações pesados, os irmãos gritaram por ajuda; então, uma luz brilhante e azul surgiu ao redor deles. Era o Grande Sábio Roedor Ganimedes, um mestre nas artes mágicas, diante dos pequenos roedores.

Os rebeldes, ainda atordoados pela traição de Gofon, olharam para o Grande Sábio Roedor em busca de orientação. Com sua sabedoria e coragem, o ancião os acalmou.

— Oh, pequenos, a chama que queima em vocês é muito grande, eu não poderia abandoná-los; agora preciso me recolher.

Sem terem a oportunidade de agradecer, perceberam que não estavam mais na floresta úmida e escura, o ambiente estava tomado de luzes azuis brilhantes e se mexiam feito vagalumes. Alguns discípulos os auxiliaram a se recomporem, a comer e trocar suas roupas rasgadas.

Os irmãos se juntaram ao treinamento místico e, guiados pela sabedoria de Ganimedes, que compartilhava seus ensinamentos e experiências, eles se tornavam cada vez mais determinados em sua missão: libertar seu povo.

Sob a tutela de mestres habilidosos, os jovens aprenderam a arte da esgrima mágica, técnica que combina os movimentos graciosos da esgrima tradicional com o uso de feitiços e encantamentos. Praticavam com espadas leves, que pareciam vibrar com energia mágica, e aprenderam a canalizar seus poderes para lançar ataques e se defender contra seus oponentes.

Além da esgrima mágica, também foram instruídos no controle dos elementos naturais. Aprenderam a invocar e manipular o fogo, a água, a terra e o ar; usando esses poderes para criar obstáculos, desviar ataques inimigos e fortalecer seus próprios golpes.

Enquanto treinavam fisicamente, os rebeldes também se dedicavam aos estudos da história de Korole. Mergulharam nos registros antigos e nas lendas esquecidas, estudando sobre os métodos de governo do Rei Kavi e as raízes da opressão que afligia seu povo. Além de fornecerem dados sobre o passado, esses estudos também reforçaram seus ideais de liberdade.

Os jovens, além de suas habilidades de combate e conhecimento histórico, também exploravam as artes em suas mais diversas formas. Música, poesia, pintura e outras formas de expressão criativa, os mantinham equilibrados emocionalmente.

Ao longo de semanas de treinamento árduo e dedicação implacável, os irmãos Elde, Darso e Falli se transformaram em guerreiros formidáveis e líderes destemidos. Guiados pela sabedoria antiga e fortalecidos pelo apoio mútuo, enfim, estavam prontos.

Periferia do reino. Noite.

Os jovens retornaram, usando a velha magia do sábio, para encontrar aliados e incentivar a população contra o regime. O ambiente estava mais tenso e tenebroso que o habitual, marcas de lutas perfilam pelas vielas. Eles se apressaram para o velho bar, mas foram surpreendidos pelos espiões do Rei: um ataque feroz que pôs à prova a coragem e a determinação de todos os envolvidos. No entanto, a batalha trouxe baixas somente do lado sombrio. Alguns moradores avistaram a luta e oferecem esconderijo para os três heróis.

A notícia da derrota dos assassinos reais disparasse espalhou por todos os subúrbios e, em poucos dias, muitos ratos se reuniram no velho bar. Vários líderes de suas comunidades, cansados da opressão, se apresentaram para a revolta. Os jovens, inspirados pelo conhecimento adquirido e de suas novas habilidades, subiram no pequeno palco e começaram:

— Irmãos e irmãs de Korole. — Elde inicou. — Hoje nos reunimos não apenas como indivíduos, mas como um povo unido pela mesma causa nobre: a busca pela liberdade.

— Temos vivido sob a sombra do tirano — Darso continuou — que lançou nossas vidas em trevas e desespero. Mas olhem ao nosso redor!

Falli ergueu um cajado que carregava consigo e, com um movimento singelo, todas as velas do bar começaram a fervilhar, o fogo crescendo no olhar de todos os presentes, e então ele prosseguiu:

— Vejam as luzes brilhantes que dançam entre nós; símbolo da esperança que se recusa a ser extinta. Somos os filhos e filhas da resistência, os herdeiros de uma linhagem de coragem e determinação que nunca se curvou diante da injustiça.

— Daqui a 3 dias — Elde levantou a sua espada vermelha —, na lua de sangue; com nossos corações inflamados de convicção, marcharemos rumo ao amanhã!

Darso desceu do pequeno palco e caminhou entre os líderes, olhando a chama nos olhos de cada um.

— Nossas armas não são apenas as espadas que empunhamos, mas também a música que ressoa em nossas almas, a poesia que alimenta nossos espíritos e a arte que ilumina nossos caminhos.

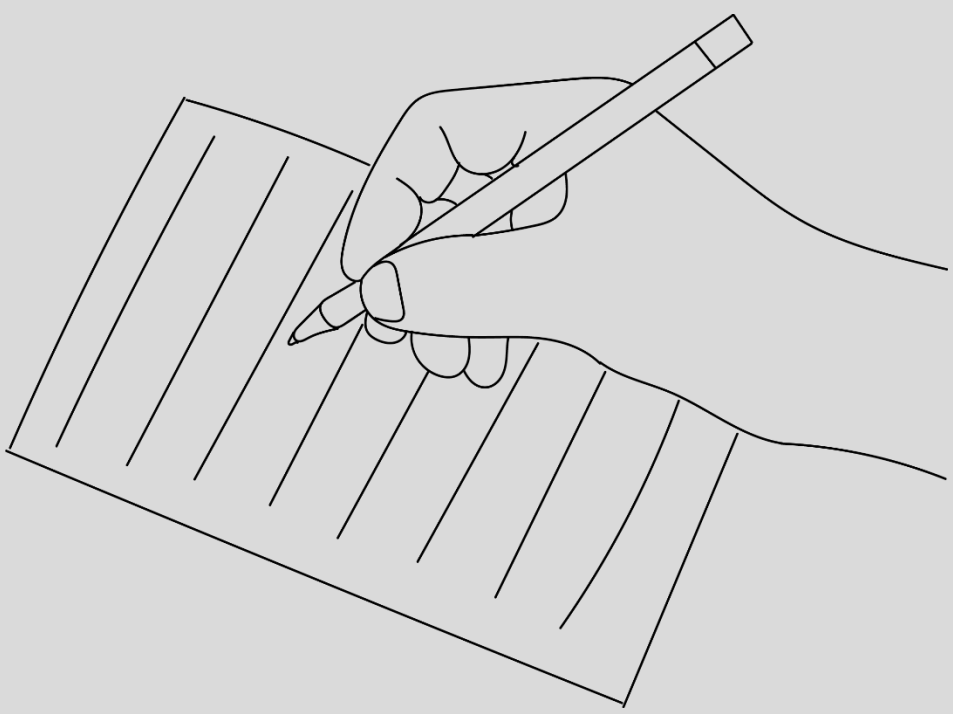
Falli gritou, acompanhado pelos irmãos:

— Por Korole, pela liberdade!

E assim, quando a lua de sangue finalmente apareceu no céu noturno, os roedores souberam que era chegada a hora de agir. Apoiados pelo Grande Sábio, iniciam a revolução contra o regime do Rei.

Fernando Mazetti, tem 32 anos, nascido em Lutécia, mas vive hoje em Marília - SP. Desenvolvedor de sistemas e aspirante a escritor. Autista grau I com altas habilidades, apaixonado por ficção científica, horror cósmico e literatura fantástica, encontrou nos universos imaginários um refúgio para suas inquietudes.

Instagram: fernando.mazetti



Bad Wolf

Por Silva Writer

“O homem é o lobo do homem.”

Thomas Hobbes

Era uma vez...

Numa véspera de natal, a neve descia sobre o reino enquanto todos corriam para enfeitar as casas, fazer comida e comprar presentes. Tudo precisava estar perfeito na época mais festiva do ano. Era quase meia-noite quando Bacon, o porquinho mais velho, cruzava a floresta apressadamente. O vento balançava seu cachecol azul e a nevasca tornava o caminho mais difícil. Ele resmungava por ter que ajudar seus dois irmãos, preferia mil vezes estar dormindo em sua cama quentinha.

"Aqueles dois... quando vão conseguir fazer as coisas sozinhos?" - Depois de algumas léguas, finalmente chegou à casa deles.

Era uma morada feita de madeira e palha, onde a hesitante luz dos lampiões estava quase se apagando. Ainda podia sentir o cheiro do mingau de aveia e dos biscoitos amanteigados. Porém, quando chegou mais perto, percebeu algo estranho. A porta estava quebrada, arranhões marcavam presença no belo entalhe da entrada. Aquela cena fez Bacon estremecer e com a visão das pegadas sangrentas em redor da residência, sentiu seu coração disparar. Ofegante, o porco arregalou os olhos e entrou correndo no recinto.

A casa estava revirada. Cadeiras no chão, copos quebrados, e a árvore de natal completamente destruída. Entretanto, o pior estava por vir. Para seu horror, os dois irmãos jaziam perto da lareira numa poça de sangue e tripas. Suas cabeças haviam sido arrancadas e apenas o resto dos corpos eram atormentados pelas moscas. Bacon guinchou enquanto lágrimas desciam. Ao

longe, sob o luar naquela noite de inverno, um uivo maligno se ouviu. E em nome de seus ancestrais, o porco jurou vingança.

[. . .]

Entretanto, para isso ele precisava de ajuda.

Então seguiu rumo ao leste, onde próximo a um rio congelado ficava a casa de uma antiga senhora que a muito tempo se fora, e a propriedade foi herdada pela neta. Uma fumaça fina saía da chaminé em meio ao telhado alvo coberto pela neve. O porco se pôs sob duas patas e antes que batesse na porta, ela se abriu. Adentrou cautelosamente junto com a brisa fria, e após alguns passos, atravessou a sala de estar onde finalmente a encontrou. Junto ao crepitar da lareira, a garota de pele morena estava sentada sobre uma cadeira de balanço, coberta com uma capa vermelha. Em seu colo, aninhava-se um gato siamês e sob seus pés, jazia um tapete feito com peles de lobo. O vento exterior balançou levemente seus cachos negros.

— Já faz tempo que não recebo visitantes. — Chapeuzinho Vermelho apertou levemente os dedos das mãos. A felina saltou de seu colo e deitou-se próxima ao fogo.

— Não viria até aqui se não fosse importante. — Argumentou o porquinho.

Considerando que você detesta visitas tanto quanto eu, deve ser mesmo.

— Meus irmãos… Chaupeuzinho, eles estão mortos. A alcatéia do Lobo... eu ouvi os uivos. A jovem lançou-lhe um olhar penetrante e voltou a mirar o fogo.

— Impossível. — Disse ela em tom gélido. — Eu feri o Alfa e o Caçador deu o último tiro. Eles fugiram, perderam seu líder. Não ousariam voltar a caçar aqui tão cedo.

— Alguma coisa está a solta lá fora, Chapeuzinho. E eu não vou descansar enquanto não vingar meus irmãos, não me importo se acredita em mim.

A garota fechou os olhos, levando uma mão até a testa quando suspirou. Levantou o olhar para a espada pendurada na parede, sibilou um xingamento e enfim decidiu.

— Irei com você.

[. . .]

Os dois seguiram até o lugar da tragédia. A garota da capa vermelha analisou tudo em silêncio. Bacon apenas a acompanhou enquanto ela passeava os olhos pela casa e caminhava de um lado para o outro. Chapeuzinho achou alguns tufos de pelo negro próximo aos corpos, constando que eram de lobo. Subitamente, um barulho se ouviu. Uivos distantes se aproximavam. Através da janela quebrada, o porco pôde ver um vulto escuro. A jovem desembainhou a espada, revelando o brilho azulado da lâmina. Os dois saíram pela porta, e então se viram rodeados de olhos brilhantes que se aproximavam em meio a neve. Um par de olhos amarelos crescia e vinha até eles, revelando-se como um grande lobo de pelos castanhos.

— Não devia ficar fora de casa neste inverno, Chapeuzinho. Nunca se sabe o que se esconde na neve. — Advertiu o lobo, exibindo um sorriso nefasto enquanto ela erguia a espada em sua direção.

— É muita coragem mostrar a fuça depois de terem fugido com o rabo entre as pernas.

— Não provoque garota, eu adoraria uma revanche. Mas estamos em trégua, por enquanto.

— Trégua? Vocês mataram meus irmãos, seus covardes assassinos! — Protestou Bacon, guinchando.

— Cuidado com a língua, porco! Antes que eu mude de ideia aqui mesmo! — Rosnou em ameaça e concluiu pouco depois: — Vim para dizer que minha alcatéia não atacou esta casa. Caçamos cervos na floresta perto daqui, e isso é tudo. — O Lobo deu meia volta. — Olhou de soslaio para eles e afirmou: — Nem tudo é o que parece.

— "Nunca confie no Lobo Mau." — Sussurrou Chapeuzinho ao passo que a alcatéia tomava distância. Bacon irritou-se, ainda não estava convencido por aquela conversa do lupino.

— O que vamos fazer agora?- Indagou o suíno para a garota que parecia perdida nos próprios pensamentos.

— Só tem um jeito de tirarmos esta história a limpo. — Embainhou a espada e disse: - Precisamos ver o Caçador.

[. . .]

A garota e o porco trilharam sobre a neve e o vento um dificultoso caminho. O Caçador morava num casebre no meio da floresta, de onde podia percorrer várias trilhas. Fadas cochichavam ao vê-los, algumas riam e se escondiam. Bacon percebeu os restos de uma fogueira, e se pôs a farejar.

— Não faz muito tempo que esteve acesa. — Indicou o suíno.

— Vamos adiante. — Chapeuzinho apontou com o indicador e eles prosseguiram. Pouco depois, avistaram o casebre, cercado por carvalhos. A porta estava aberta, sem nenhuma luz em seu interior, parecia não haver ninguém. O porco deu mais alguns passos, mas a garota pediu que ele parasse. Pegou uma pedra e a lançou próximo da porta.

O chão se abriu, revelando um buraco com afiados espetos de madeira que aguardavam um predador ou algum visitante indesejado. Deram a volta e

contornaram a entrada, para finalmente ter acesso ao lar do Caçador. Ao adentrarem na casa, um silêncio inquietante tomou conta do ambiente. A garota pegou um candeeiro pendurado na parede e acendeu-o, trazendo um pouco de luz para aquela casa escura. A sala cheirava a fuligem e conhaque, a poeira marcava os móveis e denunciava a falta de limpeza do proprietário.

— Olá! — Bacon ouviu seu grito ecoar através do salão e pelas escadas acima. Um tapete de urso deitado junto à lareira, e pela parede, Bacon podia ver várias cabeças de animais empalhados, herbívoros e carnívoros. Era quase como se estivessem olhando para ele com tristeza e desespero. O porco engoliu em seco, e por um instante imaginou a dor daqueles que foram caçados. Chapeuzinho parou por instante e deixou o candeeiro cair quando olhou para o outro lado da parede. Bacon estacou. As cabeças de seus irmãos estavam penduradas em ganchos, ainda ensanguentadas. Tremeu e quis gritar, mas foi impedido por Chapeuzinho. Ela levou o indicador aos lábios e sacou a espada.

O silêncio foi rompido pelo ranger das escadas. Um homem corpulento descia os degraus. Seus olhos eram cinzentos e seu rosto era marcado por cicatrizes. Vestia um casaco com pele de raposa ao redor do pescoço. E em suas mãos, pousava uma besta carregada. O Caçador assobiava alegremente enquanto a garota e o porco se esconderam.

— Não sejam tímidos... eu adoro visitas! — O homem grisalho olhava em volta até que vou algo remexer-se nas panelas da cozinha. Veio o primeiro disparo, fazendo um rato sair em correndo pela sala. Caminhou até a cortina que cobria a janela e puxou o tecido de vez. Subitamente virou-se quando viu o porco correr em sua direção. Disparou a flecha, mas esta foi repetida pela lâmina da garota.

— Quanto tempo Chapeuzinho! — O homem deu uma piscadela.

— Você não era assim!

— Sou só um homem seguindo a cadeia alimentar. Aliás porquinho... eles deram um ótimo churrasco!

— Assassino! — Bacon irrompeu contra ele, terminando por receber um chute. O Caçador apertou o gatilho, e a fecha perfurou o suíno pelas cotas. Chapeuzinho gritou enfurecida, logo em seguida, a lâmina rodopiou, atingido a besta em cheio. O golpe fez o homem cambalear, terminando por derrubar a arma. A garota moveu-se rápido, visando a jugular, entretanto, o Caçador desviou da investida fatal e acertou um forte soco no rosto dela. A espada caiu no chão, e o homem pegou a garota pelo pescoço, lançando-a contra a mesa enquanto ela se debatia.

A visão de Bacon era turva, sua boca e nariz estavam ensanguentados, o ferimento em suas costas ardia em uma dor dilacerante. O Caçador estrangulava Chapeuzinho, que o olhava com horror. O mesmo horror que o excitava durante as caçadas, e nas horas escuras da noite quando mulheres caminhavam sozinhas pela floresta. O homem arfou, sentindo um prazer doentio.

— Últimas palavras, Chapeuzinho?

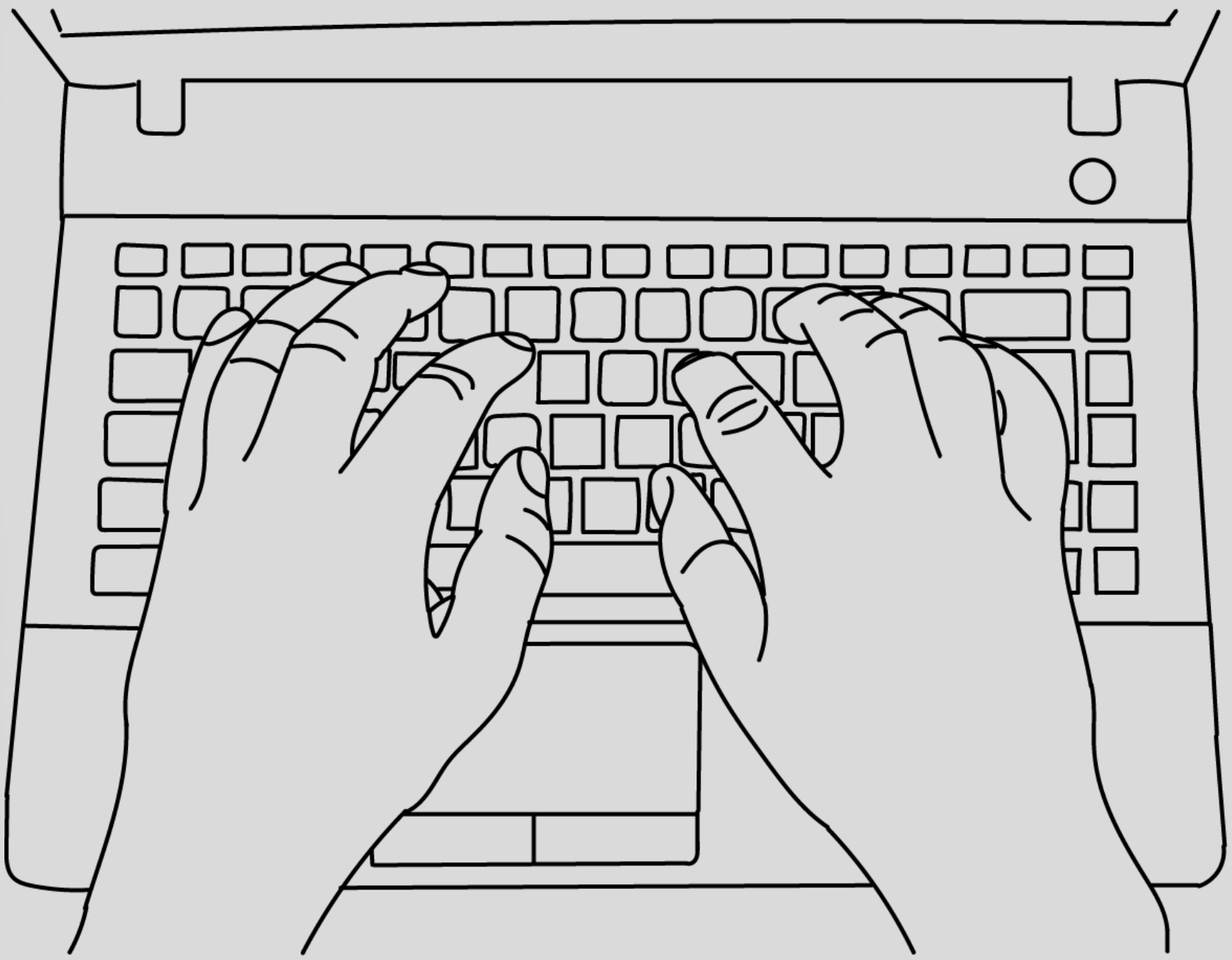
— Vá… pro inferno… — A garota falou com dificuldade, enquanto ele abria um sorriso sádico que logo deu lugar a um grito de dor. Bacon se ergueu atrás dele, cravando-lhe a espada que atravessou as costas e perfurou o abdômen. Naquela mesma noite, os lobos vieram atraídos pelo sangue e fartaram-se com o cadáver enquanto a menina e o porco enterraram os restos mortais dos dois irmãos. Naquele natal, na antiga morada onde ocorreu o ataque, o irmão mais velho decidiu demolir tudo e fazer uma casa de tijolos.

Silva é um mero entediado que vez ou outra escreve algumas coisas. Formado em acumular leituras, ouvinte de podcast e dependente de café. Possui alguns contos adaptados para audiobook em canais de narradores como "Conto Um Conto", "Domínio Público Audiolivros" e "Carlos Eduardo Valente". Atualmente,

Silva se aventura como roteirista de quadrinhos, buscando expressar suas ideias de forma visual e cativante.

Instagram: [silva_verso]

Linktree: [silva_writer]



A Janela do Quarto da Minha Casa

Por Lander LizDae

As sombras na janela balançavam com o vento. A escuridão tomava conta do ambiente e a pequena Dae via as silhuetas “dançando” do lado de fora. O terreno baldio atrás da casa da família era o lugar perfeito para se ter pesadelos. O capim crescia muito e o dono do terreno não pagava ninguém para limpar. A garota agradecia aos céus quando os vaqueiros invadiam o espaço de manhã bem cedo somente para retirar o mato que serviria de alimento para seus bois. As noites de chuva eram piores. O vento “uivava” alto, enquanto tudo parecia ter ganhado vida do lado de fora do balancim.

Quase todas as noites, a dança a incomodava. Certa vez, após um dia inteiro de festa da escola, o cansaço a venceu. A garotinha não aguentava mais ficar acordada esperando seus pais irem dormir, tomou seu banho e fez seu lanche da noite.

— Boa noite, papai e mamãe! Estou cansada. Quero ir pra cama, já! — disse a garotinha.

Arrumou seus bichos de pelúcia e deitou-se como de costume. Uma curta oração e o cobertor tomou conta dos pés à cabeça. O ruído do ventilador era música para a pequena. A madrugada chegou, uma coceirinha no ouvido esquerdo fez Dae abrir os olhos. Coçou e encarou a janela. Lá estava a dança que preocupava a criança novamente.

— Ah, hoje estou muito cansada e não quero saber de vocês. — falou a pequena, em tom de reclamação.

Cobriu-se novamente. Ouviu um leve assobio vindo do lado de fora, quase inaudível. Descobriu apenas um dos olhos. Foi então que viu a silhueta numa coreografia estranha, parecia um chamado. Bem diante do vidro da

janela. Os gestos a convidavam para sair, observar, mas o medo da garota era bem maior. Se cobriu novamente. Mas aí as coisas ficaram mais sérias.

As batidas leves eram ouvidas pela menina, mas ela não queria acreditar. Pensou em chamar seu pai para descobrir se era sonho ou realidade, mas então lembrou que ele disse alguns dias atrás.

— Os contos e as histórias que escrevo são apenas mentirinhas, minha filha. Nada é real. É tudo faz de conta.

Ela se encheu de coragem e jogou o cobertor bem em seus pés. Encarou de frente a ilusão que não parava de bater no vidro do balancim.

— Eu sei que tudo isso é mentira da minha cabeça e que vocês não existem! — sussurrou para não acordar seus pais.

A figurinha do lado de fora baixou a cabeça, juntou seus bracinhos no rosto e chorou. Dae então ficou compadecida e fez uma pergunta para a silhueta, mesmo achando que estava ficando louca, afinal, aquilo era uma ilusão por causa do seu sono.

— O que você quer de mim?

A figura levantou a cabeça e começou a bater palmas, como se estivesse comemorando porque a garotinha olhou para ela. Sem demora, a figurinha voltou a dançar. Dae não entendia o que estava vendo e muito menos o que estava acontecendo.

— Pare com isso! O que você é?

A figura pôs o que pareciam mãos na cintura, bateu um pé no concreto que revestia a base da janela, como se estivesse reclamando da pergunta. Dançou de novo.

— Pare já! Você não respondeu minha pergunta e isso é falta de educação.

A silhueta parou e acenou para a criança. Deu a entender que era para ela se aproximar da janela. Assobiou, como quem dizia:

— Venha aqui perto, se aproxime.

Dae bufou e resmungou, a criaturinha fazia um gesto de quem estava rindo do mau humor da criança.

— Se meus pais me verem subindo em meu armário fico de castigo até os dezoito anos — esbravejou.

O móvel era baixo, um armário horizontal que chegava bem perto na altura da janela. Dae subiu, mas não destrancou. A silhueta bateu no vidro, chamou a garotinha, dando a entender que deveria abri-la. A pequena pensou, pensou e decidiu fazer mais uma pergunta à estranha criatura:

— Por acaso você é uma fada?

A criaturinha dançou, comemorou e voltou a chamar a criança. A garotinha decidiu chegar mais perto da janela, colocou a mão no trinco e parou. A pequena criatura murchou.

Dae olhou para os lados, ouviu o vento soprar do lado de fora e soltou o trinco. A silhueta pulou de alegria. Ficou tão contente que seu corpo começou a brilhar, revelando sua forma.

Era uma fadinha feita de folhas. Verde igual um capim, brilhante igual um vagalume, com bracinhos e asas feitos de mato. Sem rosto, mas para quê? Seu corpo aparentava tanta alegria que nem precisava de expressão.

Dae passou a mão na fadinha, que baixou o que seria sua cabeça para receber o afago. Seu brilho se intensificou ainda mais quando sentiu o carinho. Um pozinho brilhante saiu da pequena e tomou conta do ar. Dae viu todo aquele brilho e perguntou:

— O que é isso?

Antes que a pequena fada pudesse responder, outras duas criaturinhas surgiram da escuridão. A menina tomou o maior susto. Elas se aproximaram voando e dançando. Pousaram ao lado da fada verde, a menina percebeu que eram diferentes.

— O que vocês todas são? — sussurrou.

Nenhuma delas respondeu, mas dançaram juntas, talvez para mostrar à garotinha que todas eram boazinhas. Uma fada azul, que parecia a maior de todas, se aproximou da janela e entrou. Seu brilho parecia a noite estrelada. Subiu no braço da menina e tocou seu rosto. Com um gesto repetido várias vezes, deu a entender para Dae que queria que fosse com elas para algum lugar.

— Eu? Sair? Não posso! Está muito tarde e não passo na janela, sou muito grande.

A fadinha azul botou suas mãozinhas na barriga e começou a rir. Olhou para as outras, chamou uma companheira menor, fez uma dancinha diferente ao redor dela. Um pozinho azul voou em volta das duas, deu voltas e mais voltas, cada vez mais rápido, até encolhê-las. Dae arregalou os olhos, esfregou-os.

Segundos depois, as duas fadinhas voltaram a seus tamanhos normais e a azul noite, fez uma reverência à garotinha, como se tivesse agradecendo. Acenou para Dae ir com elas a algum lugar, dando a entender que a encolheria também para que ela pudesse passar pela janela. A menina olhou para as criaturinhas, levantou a cabeça, observando o céu estrelado e aceitou o convite, mas não antes de dar um aviso à azul:

— Só posso ir e ficar com vocês um pouquinho, hein!

Azul concordou, fazendo um gesto de relógio em seu pulso.

Quatro fadinhas entraram pela pequena janela do quarto de Dae. Iniciaram uma dança em volta da criança, que ficou sorrindo, enquanto via as

pequenas flutuarem em volta dela. Os pozinhos coloridos, cada um de uma cor correspondente às fadinhas que rodeavam a garota, começaram a aumentar, Dae espirrou baixinho.

Então, o milagre aconteceu. A garotinha encolheu. Ficou do tamanho de uma fadinha, mas havia um problema. Ela diminuiu de tamanho em cima do guarda-roupas. Como pular para a janela, se não sabia voar?

A fada verde entrou voando, dando rodopios, jogou seu encanto brilhante na cabeça da criança pequenina e de repente, Dae começou a voar também. A criança voou dentro de seu quarto, entre risadas e cambalhotas, adorava o que estava acontecendo.

As pequenas fadas voavam ao lado da pequena Dae e foram para fora do quarto, a criança, agora encolhida, as seguiu sem medo. Com apenas um gesto, a fadinha verde abriu caminho por entre o capim frondoso. Olhavam para as estrelas brilhantes, a lua gigante no céu. Parecia que a criança não tinha mais medo. Aquela escuridão toda da janela de seu quarto, na verdade era a dança das fadas, que gostavam de se mostrar para quem as via.

Elas voaram para longe, Dae nem se dava conta do tempo, só sabia curtir suas novas amigas. Chegaram numa espécie de castelo feito de folhas e cascas de árvores. A menina entrou no palácio e ficou abismada com tantas criaturinhas que a receberam. A festa havia começado e a convidada especial era ela.

Depois de quase uma hora, a criança olhou para a fada azul, perguntando que horas seriam, quando precisaria voltar para casa. Seus pais deveriam estar preocupados com ela. A fada azul então lhe disse, sem abrir a boca:

— Não se preocupe, minha criança. Quando estamos aqui, o tempo quase não passa para nós.

Dae sorriu ao ouvir a fadinha azul. Prometeu voltar, mas pediu para ir embora, pois estava com sono. A verde a pegou pela mão para uma última dança no meio do salão e todas as outras as acompanharam.

Voaram de volta para a janela de Dae, que deu um abraço em cada uma das fadinhas coloridas. A azul entrou com a menina no quarto, ainda pequenininha, mexeu os braços e o pólen azul rodou em volta da criança que voltou ao tamanho normal. Se deitou bocejando, a fadinha azul puxou seu cobertor para cobri-la, deu-lhe um beijinho no rosto, a garotinha adormeceu.

Quando acordou, viu a janela fechada e pensou:

— Tudo não passou de um sonho?

Se levantou, correu para olhar a janela, viu o pozinho colorido na beirada e sorriu. Se olhou no espelho e viu a marca do beijinho azul na bochecha e disse:

— Quero ver todas vocês de novo, alguma noite dessas — sorrindo, foi tomar seu café da manhã com seus pais.

Nascido em Belém do Pará e morando atualmente em Juiz de Fora, MG. Papai da Daedra e marido da Liz, resolvi pular de cabeça de vez na escrita no início de 2023, me dedicando aos contos de várias antologias.

Sempre adorei ler histórias em quadrinhos de diversos heróis. Turma da Mônica também foi minha companhia nos dias de chuva na capital paraense.

Com uma profunda admiração pelas obras de Paulo Coelho e Dan Brown, decidi me tornar escritor. Meu primeiro livro começou a ser escrito em 2015, mas somente agora, em 2024 acabei de escrevê-lo.

Instrutor de TaeKwonDo, após anos de dedicação à arte marcial, pensei em escrever um livro que envolvesse lutas e poderes, assim nasceu o "Cores da

Batalha". Lancei recentemente na Bienal em SP. Um drama adolescente no melhor estilo mangá, quebrando estereótipos. O livro possui algumas ilustrações.

Diversos contos publicados, o foco agora é lançar a segunda temporada de "Cores" e revisar "O Escolhido".

Instagram: [lander_lizdae]



O Sol Negativo

Por Roger Dörl

As pessoas do mundo inteiro passavam cada vez mais tempo conectadas à nova sensação da internet. Ninguém sabia ao certo como definir o que era. Não era nem jogo, tampouco rede social. Plenix era Plenix, nada mais. Denise foi uma das atraídas por aquele universo. No começo, ela tinha de admitir, Plenix a fisgou pelas estranhas e convincentes semelhanças com os cenários que a faziam se sentir num dos seus livros de fantasia favoritos escritos por Zoday, seu autor favorito. Mas logo percebeu que havia algo de muito estranho por trás de todas aquelas "coincidências".

Em primeiro lugar, Zoday, que já era bastante recluso, desapareceu por completo das mídias, e parecia improvável que ele tivesse dado permissão para que os desenvolvedores do programa usassem sua propriedade intelectual em Plenix. Então Denise se deu ao trabalho de reler os livros e comprovar se as experiências que a plataforma lhe proporcionava eram mesmo influenciadas pelos livros. Contudo, ao pesquisar pelos títulos, surpreendeu-se ao não encontrar nenhum. Pior: até onde ela pôde verificar, eles nunca tinham sido lançados.

Denise procurou pela editora, tentou entender o que estava acontecendo, mas todas as vezes que fez isso foi tratada como uma total e completa louca. Decidiu mudar a tática então. Digitalizou os livros desaparecidos que ainda tinha em sua posse e os compartilhou na internet para quem quisesse ver. Isso, por fim, chamou a atenção de muitos usuários, embora não da forma que ela desejava.

[. . .]

Estava jogada em um pufe do seu quarto, lendo um romance água com açúcar para desanuviar os pensamentos, quando ouviu baterem à porta de casa. No mesmo instante, viu um reflexo cruzar o ar no centro do quarto. Ignorou-o, assim como a batida na porta. Morava com a mãe que passava o dia com a TV ligada na sala, a mulher provavelmente teria mais curiosidade para atender o chamado. Concentrava-se novamente no livro quando alguém entrou rapidamente em seu quarto.

— Não se mova! — disse o recém-chegado, um homem vestido de preto com uma arma que mais parecia uma pistola de brinquedo empunhada como se fosse algo realmente perigoso. O visitante era alto e magro, tinha os cabelos pretos e cara de poucos amigos. Ele ficou parado, olhando algo ou alguém que Denise não fazia ideia do que fosse.

— Nada? — perguntou.

— Nada o quê? — ela quis saber.

— Não estou falando com você — ele explicou, guardando a arma. — Preciso fazer umas perguntas.

— Para mim? — questionou com uma pitada de ironia. — E quem é você, afinal?

— Eu me chamo Ângelo Prado. — Ele tirou do bolso uma carteira e exibiu um distintivo que ela não conseguiu identificar. — Sou um oficial da GuMe.

— GuMe?

— Guarda Metafísica — explicou, revirando os olhos e puxando a cadeira da escrivaninha para se sentar. — Parece que ninguém nunca ouviu falar. Bem, eu sou especialista em Tecnologia e Linguagens Novas. A minha parceira cuida dos segmentos mágicos.

— Parceira? — estranhou Denise, correndo o olhar em volta. Ângelo não se deu ao trabalho de explicar.

— Recentemente, você compartilhou na internet alguns livros supostamente escritos por Zoday.

— “Supostamente” não — corrigiu. — Todos estão na minha estante, como o senhor pode ver aí atrás.

— Que tipo de feitiço você usou nos arquivos? — inquiriu inesperadamente.

— Feitiço?

— Vinte e cinco pessoas desapareceram enquanto liam seus livros.

— Meus… Do que está falando? Eu não fiz nada disso. Não pode me acusar de fazer pessoas desaparecerem enquanto liam um PDF.

— Mas como ela pode estar falando a verdade? — o homem perguntou, dirigindo o olhar a algum ponto acima da cama. Depois de alguns segundos, voltou-se outra vez para ela e pediu: — Por favor, conte-nos tudo que você sabe.

Denise explicou, falou sobre suas desconfianças e a ligação misteriosa entre os livros e a Plenix, sobre o sumiço do autor e que os títulos tinham simplesmente desaparecido da face da terra que nem fumaça, como se nunca tivessem existido. Ângelo ouvia tudo atentamente, assentindo com a cabeça algumas vezes. Ao fim do relato, olhou de novo para o ponto vazio sobre a cama e disse:

— Estou falando, Edite. Desde o começo, eu sempre achei que esse programa tinha muita cara de ser uma prisão híbrida.

— Uma…? — Ângelo a interrompeu com um gesto e ficou olhando para o ponto vazio, como se ouvisse uma resposta.

— Uma incursão agora seria melhor. Usuários comuns chamariam menos atenção. Eu só preciso aprender um pouco mais sobre Zoday e as obras

absorvidas. — Virou-se para Denise e perguntou: — Quanto você pode me dizer sobre elas?

— Tudo — respondeu.

Ângelo demorou um instante até se dirigir outra vez à colega invisível.

— “Fio de Virgílio”? Sim. Nessa situação, ela não correria nenhum risco. Tem certeza de que não encontrou nela nem um pingo de magia? — Fez mais uma pausa, então se levantou abruptamente. — Então, vamos!

Olhou em volta à procura de alguma coisa até localizar o celular de Denise na mesa de cabeceira, conectado ao carregador. Decidido, caminhou até lá e pegou o aparelho sem nenhuma cerimônia.

— Ei! — protestou Denise. Mas o que aconteceu a seguir silenciou-a por completo.

Era como se uma sombra tivesse sido projetada a partir da tela do celular, em direção ao teto e então, mais ou menos no ponto que Ângelo sempre olhava, a sombra se dividia em tons diferentes, como luz atravessando cristais.

Uma estranha figura surgiu no ar.

Parecia um graveto com traços vagamente humanos. Tinha o comprimento de uma caixinha de leite, oito patas finas como as de um inseto, dois pares de asas grandes, transparentes e agitadas que faziam a criatura subir e descer sutilmente no ar.

— Olá, Denise — saudou a criatura.

— O que é você? — perguntou a moça, boquiaberta.

— Você terá tempo de conhecê-la melhor — disse Ângelo, estendendo-lhe o celular. — Agora, por gentileza, poderia desbloquear seu aparelho?

Sem conseguir muito bem desviar os olhos da figura mágica, Denise pegou o celular e digitou os códigos de desbloqueio.

No momento seguinte, com uma puxada brusca, foi sugada para dentro dele junto com seus dois visitantes. O percurso foi muito rápido e, antes que se pudesse se dar conta, estava de bruços em um gramado muito macio, com a cara enfiada na grama. Demorou um pouco para se mover, mas logo ouviu o canto melodioso dos pássaros e levantou a cabeça sabendo que encontraria uma paisagem fantástica.

Era exatamente como O Palácio Impossível, de Zoday. Todo o horizonte parecia feito de uma cortina de água muito fina, animais corriam alegremente e árvores cujas flores se moviam com absoluta liberdade estavam por todos os cantos.

— Interessante — disse Ângelo, surgindo de repente sem parecer muito impressionado.

Denise inclinou um pouco a cabeça e encontrou Edite observando tudo com tranquilidade, a vários metros do chão.

— Então posso saber do que se trata isso tudo?

— Não seria melhor acharmos Zoday primeiro? — perguntou Ângelo, um pouco mal-humorado.

— Não dou mais nem um passo sem saber o que está acontecendo.

Ângelo deu um suspiro aborrecido e Edite disparou a falar com uma voz sibilante, uma mistura de zumbido e melodia muito suave.

— A GuMe foi uma guarda secreta por milênios formada apenas por seres de outros planos, como eu. Isso até vocês desenvolverem as tecnologias dos computadores e da internet. As coisas começaram a ficar mais complicadas depois disso e fomos obrigados a começar a trabalhar juntos.

Denise olhava sem entender, dividida entre se sentir fascinada ou assombrada pelo que ouvia.

— Basicamente — adiantou-se Ângelo —, as realidades virtuais e outros recursos digitais abrem um buraco no tecido da realidade e, de certa forma, acabam nos conectando a outro plano. Tudo é muito rudimentar e, a princípio, poderia não representar nenhum perigo, embora não dê para ter certeza. O problema é que, há muito tempo, essa tecnologia vem sendo combinada com a Magia. Isso sim é um problemão dos grandes.

— Este cenário — retomou Edite, apontando ao redor — estava fora do alcance quando fizemos as primeiras inspeções na Plenix. Até ouvirmos sua história, Denise, este programa estava sendo considerado inofensivo. Mas não há dúvidas de que uma Magia muito forte está sendo utilizada aqui. E ela não é nada boa.

Denise sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Ela correu os olhos ao redor para observar outra vez a paisagem, como se desejasse guardar aquilo na memória para sempre. Era tão perfeito, ninguém jamais denunciaria ali qualquer perigo. Não muito longe dali avistou uma adolescente sentada sobre uma pedra, brincando tranquilamente com um cervo.

— Ali — apontou.

Ângelo e Edite olharam na direção indicada.

— Sim. Provavelmente é uma das desaparecidas. Minha teoria é que os livros desaparecidos do senhor Zoday, assim como ele próprio, foram todos aprisionados neste programa. Quando você colocou esses livros de volta na internet, criou uma espécie de vórtice, como o que nos trouxe para cá. Quer dizer, o equivalente, na realidade física, deste Sol Negativo pelo qual entramos.

— Sol Neg... — Denise interrompeu a própria frase antes mesmo de finalizá-la. Ergueu os olhos e descobriu que não havia um sol brilhando no

céu, apenas um círculo negro, como um buraco sem fundo no meio da imensidão do firmamento.

— O Sol Negativo — explicou Ângelo — é o que nos prova que estamos em uma Ilusão. Se as minhas suspeitas estiverem certas e encontrarmos o senhor Zoday aprisionado neste mundo, ele estará tão completamente enfeitiçado que será incapaz de ver o sol como nós o vemos. Será que poderia nos levar até ele?

— Mas como eu vou saber onde ele está?

— Você já sabe — sibilou Edite. — Desde que pousamos aqui. Você está profundamente ligada a ele.

Denise ficou um instante com o olhar perdido. Precisava admitir que parte dela sabia mesmo onde ir desde de sua chegada.

— Neste livro — fechou os olhos e tentou se lembrar do enredo da história—, o Palácio Impossível acompanha as pessoas por onde elas forem. Nós só precisamos abrir a porta.

[. . .]

Denise moveu as mãos no ar como se empurrasse uma porta e, nesse instante, o chão abaixo dos seus pés girou. Primeiro, ela o viu se aproximar, como se simplesmente estivesse tropeçando para a frente, mas ao invés de atingi-lo, atravessou-o e, logo em seguida, começou a se levantar do outro lado, no suntuoso interior de um grande palácio.

— Engenhoso — comentou Edite.

Denise estava prestes a expressar algo sobre uma de suas cenas prediletas dos livros de Zoday, quando Ângelo, ainda mais impaciente do que antes, aproximou-se dela.

— Para onde, agora?

— Para onde você quiser — respondeu Denise, um pouco ofendida pela falta de interesse dele.

Os três começaram a caminhar a esmo, seguindo qualquer que fosse a intuição de Ângelo. Não demorou muito e foram surpreendidos por tremores no solo. O chão se movia novamente sob eles. Elevava-se em vários pontos, formando escadas de cristal e água que atravessavam nuvens e terraços floridos, cruzando-se aqui e ali como em uma dança harmoniosa e apaixonada.

— Simplesmente fantástico — dizia Edite encantada, enquanto a expressão de Ângelo continuava inalterada.

De repente, os três alcançaram o interior de uma grande redoma de vidro rodeada de nuvens e um céu intensamente azul. A decoração ali misturava a beleza de jardins muito vivos ao conforto de uma casa acolhedora e bem organizada. E lá, sentado a uma escrivaninha, escrevendo sem pressa e concentrado, estava o autor tão procurado.

— Zoday! — chamou Denise, totalmente fascinada pelo fato de encontrar seu ídolo.

Ele levantou a cabeça e contemplou os três sem grande surpresa. Abaixou o olhar novamente, escreveu no papel uma ou duas palavras até colocar um evidente ponto final e levantar outra vez a cabeça.

— Aproximem-se — chamou, parecendo mais distraído do que atento às suas visitas.

Eles avançaram alguns passos.

— Senhor Zoday, o senhor está sendo vítima de um plano terrível! — alertou o oficial da GuMe.

— Ora — protestou o escritor —, quem poderia me ameaçar na Torre do Céu Intocável?

— A dona da Plenix — afirmou Edite, convicta. — Acreditamos que o senhor já tenha se encontrado com ela. No plano físico-químico, que vocês chamam de "realidade", ela é uma senhora de expressão serena, cabelos lisos e brancos, óculos de aros prateados. Aqui, no lógico-elétrico ou "virtual", ela pode ter qualquer aparência.

— Hum... Uma pessoa exatamente como a que você descreveu me visita, às vezes. Ela canta músicas muito bonitas, me acalmam. Ela diz coisas maravilhosas. Foi ela quem me fez perceber que os lugares que inventei eram todos de verdade.

— Feitiço! — bradou Ângelo, como uma fúria repentina. — Zoday, o senhor precisa se lembrar! Talvez ela tenha lhe dito algumas verdades, para se gabar apenas. Ou compartilhados segredos com alguém que não pode contá-los a ninguém.

— Até porque ela é realmente hábil em lançar feitiços de esquecimento, não é mesmo? — acrescentou a pequena criatura alada e voou rapidamente ao redor da cabeça dele. Foi possível perceber como a expressão do homem se alterava a cada volta que ela dava. Quando ela pousou, Zoday parecia bastante angustiado.

— Está acabando! — Ele falou, com urgência. — A senhora Amélia quer aprisionar o mundo inteiro na Plenix! O feitiço será concluído hoje à tarde, e ela está conseguindo! Ninguém pode pará-la.

— Precisamos impedir isso! — vociferou Ângelo para sua parceira.

— Sim — respondeu ela, refletindo sobre cada palavra dita. — Sim, podemos fazer isso. Precisamos influir nos dois planos simultaneamente. Quer dizer, aqui, precisamos apenas de um contraponto poderoso.

— Contraponto? — questionou Zoday, ansioso.

— Denise — ela falou. — Alguém sem nenhuma mágica. Mas ela teria que ficar sozinha enquanto vamos até a sede da Plenix. O senhor será uma boa distração enquanto eu e Ângelo fazemos o que é preciso.

— O que vai acontecer depois? — perguntou Denise, receosa.

— Se tudo der certo, você vai simplesmente voltar ao seu quarto.

Denise não precisou mais refletir antes de despachá-los.

— Então, vão logo!

Edite e Ângelo se entreolharam antes de começarem a girar como uma nuvem negra de fumaça, envolvendo Zoday. A nuvem aos poucos se tornou transparente até que desapareceu por completo.

E então, Denise estava sozinha na Torre do Céu Intocável.

Até que não era ruim. Aliás, pensando bem, ela nem conseguia imaginar um lugar melhor para estar.

Lembrou-se de tudo que era possível fazer naquela Torre e decidiu experimentar um de seus recursos preferidos. Aproximando-se do vidro, usou seu pensamento para deslocar todo o globo onde estava, fazendo-o sair das nuvens e mergulhar em direção à terra.

Estabilizou-o a uma certa altura, para sobrevoar os cenários fantásticos de Zoday aprisionados na Plenix. Fascinada, reconheceu o Vale das Cerejeiras Brilhantes, as Praias Sobrepostas e a Rocha do Coração de Lídia, onde tantos cavaleiros morreram defendendo uma rainha que não existia. Passou longo tempo explorando os Labirintos Móveis de Agatrácida e, por fim, demorou-se acima dos Abismos Sussurrantes, abrindo uma passagem no vidro para deixar entrar os variados perfumes que vinham deles. Tudo era tão tentador, tão inebriante que ela quase se esqueceu do motivo para estar ali.

Denise deu por si deitada no pufe. O romance açucarado que estava lendo repousava, aberto, sobre sua barriga, e o celular continuava na mesa de cabeceira, conectado ao carregador.

— Duzentos dinheiros para a equipe desafiante — berrava a voz do apresentador na TV da sala.

Ela se ajeitou, sentindo-se desanimada. Olhou em volta procurando por algo, sentia-se desconfortável embora não pudesse dizer o motivo. Talvez tivesse tido um sonho ruim.

— Quinhentos dinheiros para a Equipe Prata! — bradou o apresentador, ainda mais animado.

— Mãe — gritou Denise, irritada —, abaixa a droga da TV!

Foi fechar a porta com um mau humor absoluto. Depois, sem vontade de ler, ou de qualquer outra coisa, jogou-se na cama e afundou o rosto entre os travesseiros.

Lá fora, a vida seguia do mesmo jeito de sempre. Carros indo e vindo na avenida, grandes telões publicitários e arranha-céus. Ninguém, nem mesmo Denise, se parasse para reparar, teria percebido o grande buraco negro que ocupava o lugar do sol.

Roger Dörl nasceu em Curitiba e escreve desde criança, passando pela poesia e dramaturgia até lançar seu primeiro romance em 2024: a ficção científica "Alena existe". Formado em Teatro e especialista em Letras, é pesquisador independente de Filosofia, Psicologia e Espiritualidade. Foi professor e morou em vários estados do Brasil, vivendo atualmente em Brasília com esposa e filho, onde trabalha como escritor e músico.

Instagram: rogerdorlartes

Inkspired: rogerdorl

O Sultanato

Por Myllene Wan Der Maas

Imesya, mais do que apenas um reino, era também o mais poderoso sultanato conhecido, cujo Sultão tinha poderio militar capaz de destronar centenas de reis e destruir outras centenas de sultões. E o Sultão tinha ciência desse poder político, e, para manter o controle sobre os reinos vizinhos, os convencia a firmarem uma aliança militar, para impedi-los de invadir seus territórios. Porém, um dos reinos foi tão esperto quanto o Sultão. Em uma reunião com o rei de Shirabad, o Sultão entrou em comum acordo de se casar com a filha do rei, a jovem Malika, para firmar uma aliança matrimonial e militar, pois a princesa Malika era a filha favorita do rei de Shirabad.

Ela foi para Imesya, se casou com o Sultão e se tornou Sultana, não apenas por contrato e alianças políticas, mas também porque conquistou o coração do marido como nenhuma outra mulher havia feito e de uma forma que a mãe de Kasim jamais teria sido capaz. O então Vizir do Sultão, que aconselhara a aceitar o acordo matrimonial com Shirabad, era o único filho vivo do Sultão na época de seu casamento com a Sultana Malika, e ele viu como a doçura e carinho da jovem enfeitiçaram seu pai.

Sua mãe havia sido a primeira mulher que o Sultão teve, quando ainda era um príncipe, e ele foi concebido de forma irregular pelas regras do harém. Para proteger a vida do filho e sua própria, sua mãe fugiu do Palácio de Imesya e se refugiou em Shirabad, onde se tornou uma serva muito querida da rainha. Quando ele nasceu, recebeu a melhor educação conhecida por conta da afeição que a rainha tinha por sua mãe, mas ele partiu de Shirabad antes do rei lhe pedir para se tornar seu conselheiro. Ele era herdeiro de Imesya, e queria o trono de Imesya, nem que precisasse recorrer a artifícios sombrios.

Foi uma feiticeira do deserto que o ensinou magia e o instruiu sobre a política do sultanato de Imesya. Ela o ensinou como conquistar a confiança

do Sultão e foi a vida dela que ele tirou quando um sacrifício para que seu poder aumentasse de forma considerável se fez necessário. Através da magia ele alcançou sua ambição de entrar no Palácio, no entanto, foram seus esforços políticos os responsáveis por torná-lo Vizir do Sultão. E, mesmo querendo ser reconhecido como um príncipe e herdeiro de Imesya, ele sabia que não podia se revelar assim, precisava ser cauteloso.

A Sultana Malika foi a peça que faltava para conseguir ainda mais controle sobre o sultanato. Além de conselheiro chefe e mais confiável do Sultão, era também o confidente da Sultana por ter sido criado na Corte de Shirabad, quase junto a ela. Malika estava sempre demonstrando intensa felicidade diante de todos e, especialmente, quando estava com o marido; mas sua verdadeira emoção fluía quando ficava sozinha com Kasim. Foi com ele que ela se abriu.

— Ele diz me amar e que somente eu basto, mas continua a possuir outras mulheres em sua cama — ela reclamou certo dia, após a grande notícia de estar esperando um filho do Sultão.

— É a cultura de Imesya, Sultana — Kasim comentou, terminando de escrever o documento a ser enviado para um dos reinos que haviam declarado guerra contra Imesya. — O Sultão tem apenas uma esposa, mas inúmeras concubinas, as quais são dele.

— Eu sei, mas... — ela suspirou, se aproximando e se sentando ao lado dele, segurando uma de suas mãos. — Kasim! — ela o chamou em voz baixa e ele a encarou. — Por favor, impeça que elas venham! Não deixe as concubinas virem até o quarto do Sultão! Só você pode impedir isso, você é o Grão-Vizir!

— Eu gostaria de poder fazer isso, Sultana. Lhe dou minha palavra. Mas não posso — ele respondeu. — Posso ser o Grão-Vizir, mas ainda sou um servo. Se o Sultão pede por uma concubina de seu harém, eu *devo* trazer uma concubina de seu harém até ele.

Malika se silenciou por alguns segundos, ponderando. Então, acariciou a barriga e respirou fundo. Acenou positivamente a cabeça, como se estivesse tomando uma decisão importante.

— Então, por favor, não deixe que nenhuma delas dê ao Sultão um filho que possa ser considerado um risco ao meu bebê — ela enfim pediu.

Kasim a encarou.

Algumas semanas antes, ele havia confessado a Malika que aprendera magia e a utilizava discretamente para que dar a Imesya vantagem sobre reinos inimigos. Ela não duvidou dele, e pediu para continuar a usar sua magia para manter a segurança e a paz em Imesya e em Shirabad.

— Sultana... — ele tentou argumentar, contudo, ela balançou a cabeça.

— Meus bebês devem ser as únicas crianças do Sultão, a menos que outro filho dele não ofereça risco à vida de meu bebê. Te peço apenas isso.

— Está me pedindo muito, Malika! — ele sussurrou. — Somente uma vida pode pagar por outra, e você está me pedindo para tirar muitas vidas! O custo é muito alto!

— Aceito pagar o custo que for para meu bebê ficar a salvo da lei do fratricídio do sultanato! — ela afirmou, e a chama de uma das velas se apagou. A promessa dela fora aceita pela magia, agora ele apenas precisava realizar o ritual e deixar o destino cuidar da dívida a ser paga.

Ele suspirou e assentiu. Realizou o ritual naquela madrugada, e acordou com os gritos das concubinas do harém.

Oficialmente, ficou reconhecido que uma epidemia acarretou a diversas hemorragias dentro do harém, e somente duas concubinas e a Sultana Malika não haviam sofrido o mal. O Sultão ficou extremamente preocupado com a saúde da Sultana, porém, a preocupação se provou infrutífera quando Malika entrou em trabalho de parto e deu à luz uma menina.

Kasim foi visitá-la após saber, e Malika o deixou pegar a menina no colo. Ele se sentou com a criança nos braços e mandou entregarem as flores que havia encomendado para a Sultana, para celebrar o nascimento da princesa. Malika sorriu ao pegar as flores.

— Jasmins — ela comentou. Kasim assentiu, acalentando a bebê quando ela começou a chorar. — Belas flores, Kasim.

— Raras em Imesya, mas muito comuns em Shirabad — ele disse. — Assim como a princesa que acabou de nascer.

— Tem razão — os olhos de Malika brilharam e ela sorriu. — Yasemin — ela olhou para a filha. — Yasemin, princesa de Imesya! — então, ela sussurrou: — Obrigada por protegê-la.

Ele apenas sorriu e devolveu o bebê para a mãe.

Dois anos após o nascimento de Yasemin, Malika engravidou outra vez. Enquanto isso, nenhuma concubina teve a sorte de agraciar o Sultão com um filho. Nenhuma das crianças do Sultão era considerada inocente ou inofensiva à princesa Yasemin, somente ele, somente Kasim.

Daquela vez, porém, quando Malika deu à luz, nasceram dois meninos. Receberam o nome de Kaled e Ahmad, mas nasceram fracos e doentes, e o parto adoeceu também a Sultana. Kasim ordenara às únicas servas de confiança de Malika a cuidarem de Yasemin enquanto ele ia até a Sultana, e ele tentou realizar um feitiço de cura para salvá-la, no entanto, sua magia não podia combater o mal que a afligia, pois aquele era o preço a se pagar pelo feitiço de infertilidade do harém do Sultão.

O preço da magia sombria contra as concubinas eram as vidas dos príncipes Kaled e Ahmad, e também a vida da Sultana Malika. Kasim engoliu em seco e a encarou, sua expressão deve ter denunciado sua descoberta, pois a Sultana apenas suspirou e deu um fraco sorriso.

— Kasim! — ela estendeu a mão para ele, que a pegou e se inclinou para escutá-la. — Proteja Yasemin. Proteja Yasemin de tudo que pode tomar dela sua posição de futura Sultana!

— Irei protegê-la, Sultana — ele sussurrou. – Eu prometo!

Dias depois, houve o rito funerário da Sultana Malika e de seus dois filhos. O Sultão ficou devastado, pois amava muito a esposa, e pediu a Kasim para nunca mais lhe trazer uma concubina, pois se manteria fiel à memória de Malika.

O Vizir então percebeu que o preço também fazia parte do pedido da Sultana. Com sua morte, não haveria mais harém. E sem harém, não haveria nenhuma outra criança para desafiar a nobreza e posição de Yasemin. A princesa estava segura em sua posição de herdeira e futura Sultana de Imesya.

Ou assim teria sido, se o Sultão fosse um homem de palavra.

Myllene Kretli Wan Der Maas Torres nasceu em 11 de outubro de 1998, em Belo Horizonte. Desde criança, desenvolveu o hábito da leitura, inicialmente devido às revistinhas da Turma da Mônica, que sua mãe comprava. Das revistas, passou para livros infantis como "A Bela e a Fera" e "A Pequena Sereia". Com o tempo, expandiu seu repertório, começando com livros juvenis e progredindo para obras mais complexas, se apaixonando cada vez mais pelo universo dos livros. Foi esse hábito de leitura que a inspirou a escrever, culminando na sua primeira história no ano de 2020.

O Imune e as Ilhas Mortas

Por Rodrigo Ortiz Vinholo

Oi? Quem? Aquele cara? Você não é daqui, né?

Não se preocupe, não temos problemas com forasteiros, exceto com alguns tipos de magos, e sei bem que não é o seu caso.

Aquele cara de quem você perguntou é o Sr. Leiton. Sempre que ele aparece, é assim. As pessoas ficam agitadas, mesmo. Ele é provavelmente uma das pessoas mais respeitadas do reino, mas também uma das mais temidas.

Não, ele é bem-intencionado. O medo não vem do que ele faz, porque o que ele faz é bom, mas do que ele é, e de toda história dele. Ele é um imune. E ele é muito influente.

Como? Isso, imune. Imune a magia. Não interessa o quão poderoso seja o mago, não existe como afetá-lo. Se a cidade fosse destruída por uma bola de fogo mágica, ele seria a única coisa que restaria em pé. Pois é.

Ele também é bem ligeiro contra espadas e outras armas, mas dentro de uma proporção comum. Só que ninguém tenta lutar contra ele. Ninguém é tolo de tentar fazer isso.

O fato é que ser imune a magia é algo que traz sorte e azar. Sorte pelos motivos óbvios, porque você fica resistente a muita coisa... Mas azar porque ele também não pode ser curado rapidamente como nós. Ele também não é suscetível a feitiços de proteção, nem consegue ampliar suas habilidades, e mesmo equipamentos mágicos perdem o efeito em contato com o corpo dele.

É por isso que as pessoas olham assim para ele. Elas sabem que o Sr. Leiton passou toda a vida sobrevivendo de maneiras que nós não conseguimos nem imaginar, e que, se fosse o caso, ele se daria bem em uma briga sem esforço. O mundo para ele é um lugar muito diferente. E, justamente

por isso, por essa habilidade rara e pela boa disposição que tem com a gente, ele tem um acordo especial com o rei e com todos os governadores da região. Céus, na prática, até outros reinos estão inclusos no contrato.

Eu não sei como vocês lidam com magia lá para os seus lados, mas aqui nós tivemos alguns problemas. Acontece que quando os magos começam a trabalhar, nem sempre é o caso de fazerem um feitiço controlado, uma coisa que se restringe a uma manifestação energética clara e limpa... muitas vezes há dejetos. E aí tinha os alquimistas e mestres de poções, se livrando de restos de fórmulas antigas e experimentos... Tinham os necromantes com corpos semimortos e pedaços de tudo quanto é coisa... Os alteradores de realidade trazendo substâncias desconhecidas... Se você for ver, até os druidas e curandeiros acabavam se descuidando e espalhando algum detrito mágico.

Nossa cidade já foi um polo de estudos e de comercialização de magia. Você podia encontrar toda e qualquer especialidade, mas isso também significava que tinha muitos desses restos. Nós nos orgulhávamos de nosso sistema de esgotos, mas depois de muito tempo com explosões, mutações, contaminação do solo e o portais acidentais que transportavam ruas e bairros inteiros, passamos a ter leis bem rígidas sobre a gestão de dejetos mágicos. Para muita gente, foi o suficiente para deixarem a cidade... não que a maior parte de nós estivesse reclamando, claro.

E o Sr. Leiton? Não, ele era jovem ainda, quando começaram essas mudanças, e nem vivia por aqui. Calma que já vou chegar nele, vai fazer sentido, juro.

Acontece que, com o passar dos anos, nós fomos nos habituando com tudo isso, só que o hábito traz adaptações que nem sempre são o que os idealizadores originais das regras esperavam. Acontece que, já que os esgotos estavam bem vigiados, em muitos pontos da cidade formaram-se

depósitos de lixo mágico. Alguns eram organizados, mas a maioria não passava de valas onde se acumulavam os detritos.

De algum jeito, vários desses buracos duraram um bom tempo, mesmo com todo o chorume mágico que ficava fermentando, mas não demorou para começarem a surgir novos problemas. Uma série de explosões acabou com um dos bairros, em uma reação em cadeia… e isso quase acabaria passando, não fosse o fato de que boa parte dos locais afetados da cidade acabaram virando terrenos mortos.

Sim, eu disse “mortos” mesmo. Bom, há quem diga que a terra em si é viva, mas quando a gente fala isso queremos dizer no efeito em que não só nada cresce onde foi afetado, mas a própria terra passa a consumir a vida de quem estiver nela. Seres vivos enfraquecem e até morrem, incluindo plantas, e tudo que for estrutural começa a se desgastar.

Se você procurar por aí, vai ver que mesmo fora da cidade existem montanhas e planícies mortas, sem falar em outros espaços. Essas se tornam um problema quando começam a se movimentar, porque elas podem contaminar outros lugares.

E aí tem aquela coisa: recuperar um terreno mágico é incrivelmente difícil e também custoso, mas não é tão difícil assim transportar esses segmentos mortos para outros lugares. Você já imagina o que resolveram fazer a partir disso, né?

Tanto o próprio reino quanto as pessoas comuns começaram a espalhar por aí de qualquer jeito várias ilhas de entulho, terra e magia. Quando era pela terra, formavam-se novos depósitos, que acabavam gerando novos problemas, o que levou a ainda mais restrições. Na água de rios e de lagos, isso significava uma contaminação que atrapalhava a vida de todo mundo, então o policiamento foi redobrado. Mas no mar… bem, no mar ninguém ligava muito.

Acontece que seja pelo volume da água ou por conta do sal ajudando a isolar o acúmulo de magia, se você joga um acumulado de lixo mágico, ainda mais se ele tiver terra, a tendência é que ele fique boiando, bem firme, e sem afetar nada. Claro, um ou outro peixe incauto acaba sendo transformado ou morto, e se essas ilhas boiam até a terra firme elas podem contaminar, mas no geral isso se mostrou a melhor solução. Era mais fácil só jogar todo esse lixo no mar e não pensar mais nele.

Sei que soa absurdo, mas estavam todos tão ansiosos para acabar com o problema que as consequências ficaram em segundo plano. Enquanto não estivesse afetando o reino com novas explosões ou fazendo terrenos mortos, esse era o melhor caminho. Não demorou para isso virar a política oficial.

E então finalmente chegamos no ponto da história em que aparece o Sr. Leiton. A coisa é que depois de mais de uma década com o reino todo criando ilhas mortas, um dia ele chegou no porto em pé em cima de uma delas, com cara de poucos amigos. Ele tinha dado um jeito de transformá-la em um barco, com vela e tudo, mais uma estrutura de madeira para protegê-lo do mar e dos elementos. Como elas boiam bem, até que fazia sentido, mas ao mesmo tempo era uma ideia completamente insana.

Naquele dia, todo mundo se assustou, porque eles conseguiam ver as emanações de magia de longe. Aquela ilha era um acumulado de chorume mágico que deixaria qualquer um doente em poucos minutos, mas Leiton parecia nem notar. Ele aportou, saiu da embarcação e exigiu ver uma autoridade responsável.

Primeiro ele falou com o chefe do cais, depois com as autoridades portuárias, depois com o chefe da guarda, depois com o governador, e dizem que de lá ele foi falar com o rei em pessoa. O barco-ilha ficou lá, no canto, enfraquecendo a madeira próxima e azedando todos os alimentos de um navio de carga, e ninguém ousou mexer.

Ninguém sabe dizer de onde exatamente Sr. Leiton veio, mas a história que ele contou para o rei, e depois para todos os outros, é que as ilhas de lixo mágico estavam afetando outros lugares. Elas se espalhavam pelo mar e, alcançando outras terras, estavam prejudicando a vida de outras pessoas, incluindo a família dele. Ele, por sorte, não podia ser afetado, e justamente por isso havia sido escolhido para levar a eles um ultimato: ou eles faziam alguma coisa a respeito daquilo, ou eles dariam um jeito de devolver todo o lixo para o reino.

Não era uma negociação, mas uma ameaça. O rei, apesar de toda sua pompa e poder, pelo jeito percebeu que não adiantaria aprisionarem ou matarem Leiton. Não só ele estava certo em cobrar o fim daquelas injustiças, como transmitia a segurança de quem cumpriria cada uma de suas promessas.

Começaram a negociar, então, e o resumo foi que eles reforçariam ainda mais as leis de descarte de restos de magia dentro do perímetro urbano, e criaram novas diretivas para o campo e para o litoral, o que nos levou ao estado atual. Hoje, a concentração de magos dos mais diversos tipos é bem menor, e os que estão aqui seguem regras restritas para garantir o bem-estar de todos e evitar a vingança do povo do Sr. Leiton.

Ele mesmo acabou contratado como um tipo de consultor mágico, e o membro único de uma força especial de anulação de terrenos mortos. Funciona assim: como qualquer pedaço de terra morto é assim por acúmulo de energia mágica, a imunidade de Leiton tem um tipo de efeito dissipador. Não é que seu corpo não recebe energia mágica, mas sim que ele faz com que ela vá se degradando. Basta que ele fique em contato com um pedaço de terra para a magia se esvair e ele se desfazer.

O barco que ele veio, no caso, era parte dessa estratégia: Sr. Leiton usava o pedaço de terra morta por sua ótima capacidade de flutuação no mar, mas também porque queria destruí-la. Aquela primeira embarcação em poucos

dias foi se transformando em terra inofensiva e afundando, de modo que ele logo preparou outro.

Ele passou a ser muito bem remunerado para acabar com todas as ilhas que encontra, e vez ou outra faz também trabalhos em terra, porque ainda existem depósitos ilegais por aí, vários deles antigos, mas que acabaram disfarçados porque não tinham tanta magia assim, no começo, e só quando começaram a fermentar foram encontrados.

Os magos? Eles acham ruim, sim, mas não tem tanto o que fazer além de tomar cuidado. Nem eles, nem outras pessoas tentaram até hoje fazer nada contra o Sr. Leiton. Eles sabem que seria um ato de traição contra o próprio rei, então ia pegar mal.

Cá entre nós, existe um boato de que ele também aproveita a imunidade para outras coisas como assassinatos. É só fofoca, mas ultimamente soubemos de alguns magos ermitões, de cantos mais isolados do reino, que acabaram sendo assassinados. Não pareceu coincidência que justamente esses tinham também algum depósito de lixo mágico ilegal.

Ninguém consegue afirmar com certeza que foi o Sr. Leiton, mas ele é o principal suspeito. E aí começam também dúvidas se ele fez isso de iniciativa própria, ou se foi alguma missão secreta do rei. Afinal, claro, é interessante para ele manter próximos apenas os magos mais fiéis… mas essa é outra história, e uma que não me arrisco a ficar falando a respeito. Vai que pega mal e sobra pra mim, né? Prefiro evitar problemas.

Enfim, é isso aí. Se você ficar por esses lados, provavelmente vai ver o Sr. Leiton indo e vindo algumas vezes, mas a maior parte do tempo ele vai estar em alguma ilha não tão longe da costa. Ele acaba ficando flutuando às vezes dias a fio, antes de sair velejando em busca de outro acumulado de lixo mágico.

E tome cuidado se você precisar descartar qualquer resto mágico, tá? As multas são altas, e dependendo já dá para você passar uma temporada na prisão.

Publicitário, jornalista, professor e escritor, Rodrigo Ortiz Vinholo mora em São Paulo/SP. É autor de diversas obras de ficção, não ficção, poesia e quadrinhos, além de ter participado de mais de 300 coletâneas. Vencedor do Prêmio ABERST, Troféu HQ MIX, Prêmio Ecos da Literatura e finalista de outras premiações.

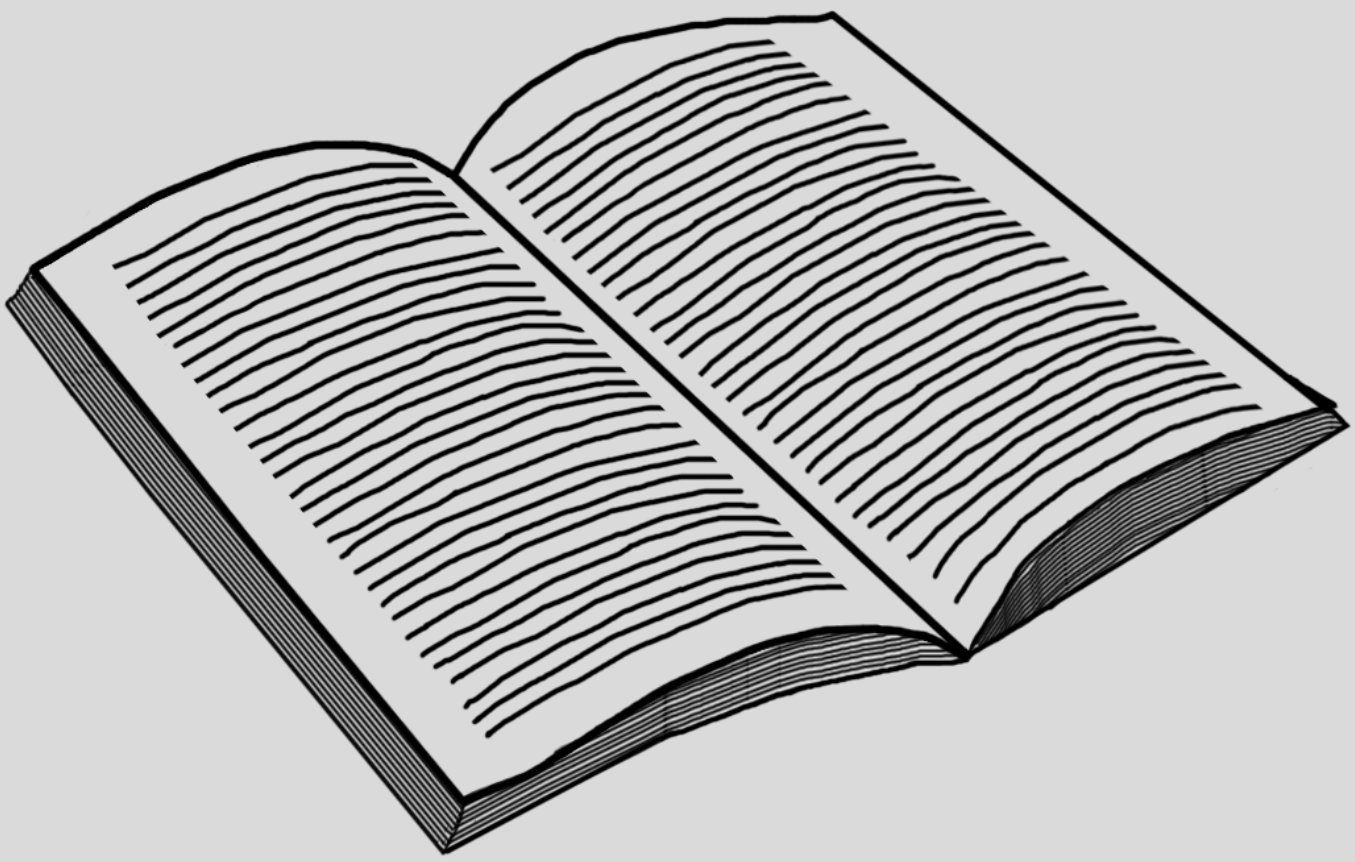
Twitter/X: IamRodrigo

Instagram: rodrigoortiz

Facebook: rodrigo.vinholo

TikTok: rodrigoortizvinholo

Bluesky: iamrodrigo.bsky.social



Laços Familiares

Por Carol Soares

Era quase meia-noite e havia cheiro de sangue no ar.

Isso não era incomum em um lugar como aquele, embora Lena presumisse que, naquela ocasião, era apenas um truque de sua mente, ou uma premonição do que estava por vir.

Mais cedo, naquele dia, ela levou a jovem Mishka, a neta da Marquesa, para ver seu último pôr do sol, e também a preparou para sua transformação, aplicando sua maquiagem, penteando seus cabelos e lhe colocando um vestido vermelho como sangue, como era a tradição.

Aquele seria o dia em que Mishka se juntaria aos imortais, ou seria o dia em que ela morreria. Afinal sempre havia a chance de a transformação não funcionar e aquele ser o seu enterro e não um renascimento, embora as chances de Mishka parecessem boas. Tanto a sua mãe quanto a sua avó sobrevivera à transformação.

Uma vez por semana, duas pessoas da vila acima da idade de quinze eram sorteadas e levadas para o palacete Kerberian. Lá elas tinham parte de seu sangue bebido e então eram retornadas à vila com um saco cheio de dinheiro pela sua contribuição, e a promessa de seus nomes não serem colocados para sorteio até o fim daquele ano. Mas para uma vampira recém-transformada, tal controle de apenas tirar o suficiente não seria realista, portanto, para Mishka haviam três criminosos que originalmente iriam morrer na forca após passarem as últimas semanas nas masmorras do palacete. Essa parte em teoria não tinha lhe perturbado muito, tais pessoas já estavam marcadas para morrer e apenas aqueles que haviam cometido os piores crimes recebiam a sentença de morte. No entanto, mais cedo, após a maioria

dos outros servos ir para o vilarejo, ela ficou encarregada de levar a última refeição para os sacrifícios. Eram dois homens e uma mulher, um dos homens pegou o prato e disse que um dia Lena queimaria no inferno. O outro pegou o prato e jogou na sua direção entre as barras gritando obscenidades, mas a reação mais perturbadora foi a da mulher; quase timidamente ela lhe agradeceu pela refeição antes de ir para o canto comer o arroz, bife de fígado e batatas a ela oferecidos. E era nela que Lena estava pensando naquela noite ao acompanhar sua jovem Mestra para o jardim do palacete.

Mishka estava segurando sua mão, como sempre fez nas raras ocasiões em que Lena a levou ao vilarejo quando criança, seu semblante não mostrava medo, porém, sentia sua mão quente e suada, demonstrando a apreensão guardada em seu coração.

No jardim sua Mestra a aguardava, em companhia da Marquesa Aliona e sua filha Oksana.

Essa última presença tinha pego Lena de surpresa ao aparecer no palacete alguns dias atrás com sua mais recente conquista, anunciando intenções de estar presente para a transformação de Mishka.

Oksana mostrara muito pouco interesse em sua filha ao longo dos últimos dezessete anos, com a menina sendo colocada sob os cuidados de Lena praticamente desde o seu nascimento. A garota provavelmente nunca considerou a opção de se tornar mãe, logo, o nascimento da neta da Marquesa veio como uma surpresa. Era raro para vampiras engravidarem e, quando acontecia, conseguir levar a gestação até o fim, no entanto, este fato em geral não era visto como um problema. Antes da Czarina se juntar aos imortais e logo ser seguida pelo resto da nobreza, a situação era diferente, mas com a grande longevidade agora sendo o padrão da nobreza do país, muitas das regras de como o mundo funcionava também tinham mudado.

Será que ela está aqui por ordens da Marquesa? Ou porque ela vê esse momento como o verdadeiro nascimento de sua filha? Esse é o momento em que ela para de ser minha menina e passa a ser dela?

“Obrigada Lena, você pode ir agora.” a Marquesa disse.

Se fosse sua escolha, Lena ficaria com a garota até o último momento, contudo, os olhos da Marquesa lhe advertiram para nem sequer fazer tal pedido.

Eram olhos incomuns, Aliona tinha pequenas rugas ao redor dos olhos severos e aparentava uns quarenta anos de idade, algo bem raro entre os imortais. Alguns homens da nobreza evitavam a transformação por décadas para terem uma aparência mais distinta, em contrapartida, as jovens da nobreza geralmente eram transformadas quando atingiam o auge de sua beleza para os padrões da nobreza, geralmente entre os quinze e vinte anos. Lena sempre se perguntou porque com Aliona havia sido diferente, pois quando ela nasceu tal hábito já estava em prática. Ela, porém, nunca fez essa pergunta em voz alta. Ser uma Familiar para um vampiro frequentemente significava ser um confidente ou conselheiro se requerido, mas apenas se requerido.

E para Lena ser a Familiar de um vampiro era a única opção nesse ponto. A grande maioria que se conectava aos imortais tendia a não ficar muito tempo, uma vida entre a luz e as sombras perdia muito do seu glamour conforme os anos passavam, mesmo assim ela tinha ficado. Na última primavera Lena completara cento e sessenta e sete anos de idade, e destes um total de cento e quarenta e dois tinha passado servindo Aliona e sua família. E, nesse ponto, se ela passasse mais de algumas semanas sem receber o sangue de sua Mestra ou de outro vampiro, começaria a enfraquecer e os sinais de idade em breve apareceriam. E certamente em menos de um ano estaria morta e sem qualquer pessoa para cuidar dela nos seus últimos meses de vida.

Talvez uma morte rápida fosse preferível a um fim como esse.

Ela deu um beijo na testa de Mishka, algo que geralmente não faria na presença de terceiros, uma liberdade proibida à uma serva.

“Tudo vai acabar bem, sua avó vai cuidar de você e eu vou te ver em algumas horas.” ela disse.

Mishka assentiu com a cabeça, e Lena se forçou a dar um sorriso confortante, antes de largar sua mão e começar sua jornada rumo ao palacete.

Ela andou pelos corredores vazios até ouvir passos atrás de si. Se virou esperando encontrar Mishka, assustada e pedindo pelo conforto de sua presença por alguns minutos a mais. Ao invés disso era Oksana.

“Foi tolo da sua parte ficar. Você deveria ter ido passar a noite no vilarejo como Isobel.” Oksana disse.

Lena precisou usar muito do seu autocontrole para não rolar seus olhos na menção da mais recente conquista de Oksana. Ela tinha detestado a mulher desde o primeiro momento em que foram apresentadas, embora o mesmo poderia ser dito sobre todas as outras mulheres e homens trazidos ao palacete por Oksana, ao longo dos anos. Isso porque uma vez, há muito tempo, Lena tinha sido uma delas.

“Eu prometi para Mishka que eu estaria ao lado dela até o fim.”

Uma parte dela pensou em dizer que Mishka nunca a machucaria, afinal Lena a tinha criado desde quando sua mãe a tinha deixado no palacete apenas alguns poucos dias após seu nascimento. Mas ela sabia como as palavras soariam tolas para Oksana, e possivelmente com razão.

“Promessa ou não, foi tolo.”

“Você veio aqui apenas para dizer que eu sou uma idiota?”

“Não, eu vim para lhe dar um presente.”

Ela disse e colocou em sua mão um pequeno saco de veludo que Lena não havia notado até aquele momento.

Lena abriu o saco e encontrou dentro deste um pequeno crucifixo.

Era feito de prata, um dos poucos materiais capazes de machucar um vampiro, algo que, sob circunstâncias normais, nunca seria permitido entrar no palacete.

“Eu não posso manter isso. Sua mãe me mataria se ela encontrasse algo assim entre as minhas coisas.”

“Então jogue no rio, mas faça amanhã sob a luz do sol. Se não por mim ou você mesma, faça para ela, a pobre menina não merece começar sua vida matando quem ela mais ama.”

“Certo.”

Oksana não disse mais nada, apenas se virou e começou a andar rumo ao jardim.

Lena, por outro lado, foi para o seu quarto e trancou a porta.

Ela assumiu que passaria a noite inteira acordada, mas contra suas expectativas foi capaz de adormecer meros minutos após se deitar na cama.

Quando ela despertou ainda estava escuro do lado de fora e alguém batia contra a porta com força. E dessa vez não havia dúvida do cheiro de sangue no ar.

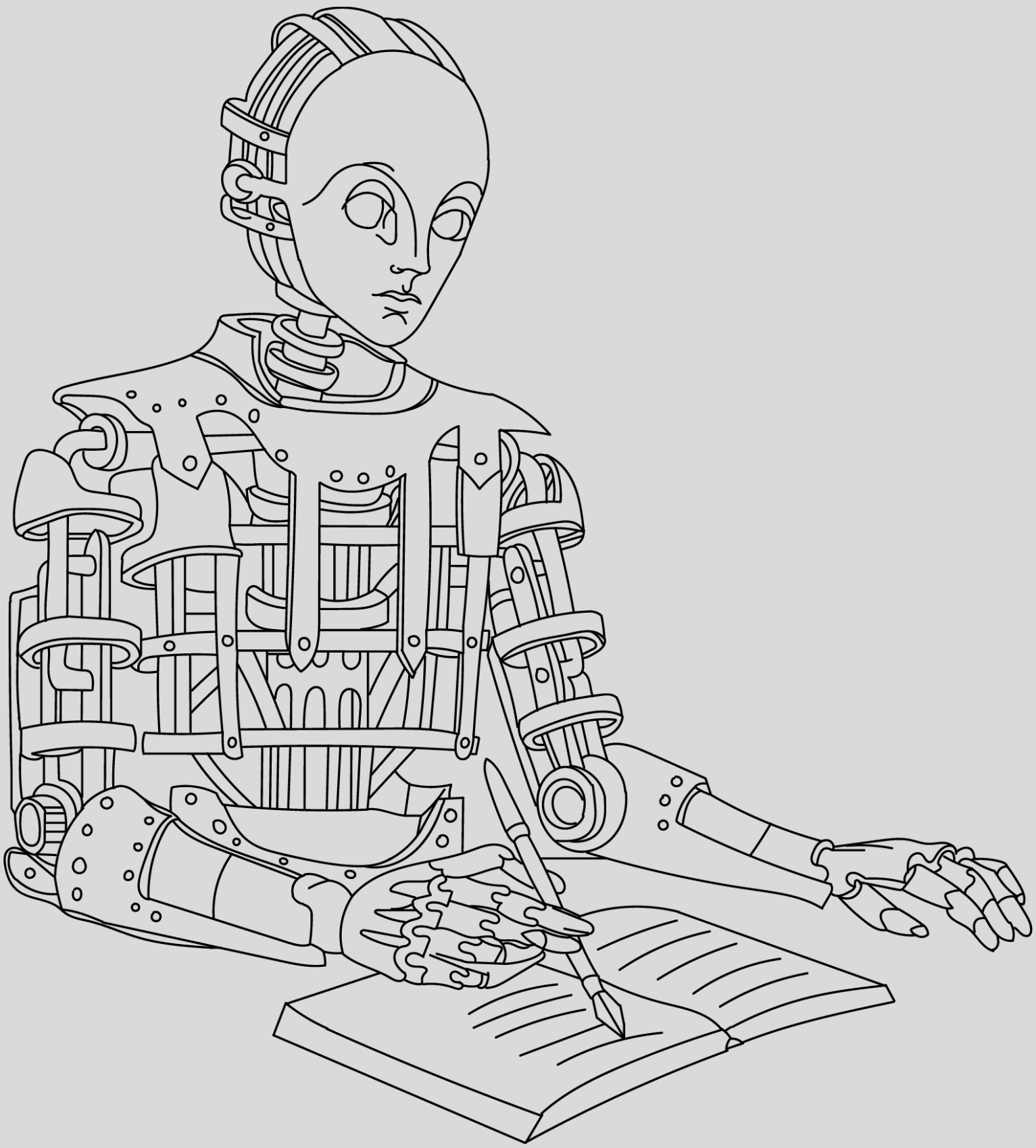
“Abra! Por favor, abra!” disse Mishka entre os murros na porta do quarto.

Uma criança procurando pela sua mãe ou uma criatura procurando pela sua próxima refeição? Ela não sabia.

Lena segurou o crucifixo de prata, e ouviu a dobradiça da porta começar a ceder.

Carol Soares é autora do livro de contos O Monstruoso Feminino e teve contos publicados na antologia Conto Brasil. Tem trinta anos e mora em Teresópolis no topo de uma montanha cercada por livros e gatos.

Linktree: [carol93soares]



Uma História Em Três Atos

Por Queli Rodrigues

Ela passava as manhãs no jardim, enquanto o restante das irmãs dormia. Elas só acordavam à noite, após o sol se pôr. Mas Yareen gostava do cheiro das flores, preferia as manhãs e odiava o trabalho das irmãs. Estava perdida em seus pensamentos, cheirando um jasmim, quando Ayaran, a irmã mais velha, a surpreendeu:

— De novo nesse jardim, Yareen? Quando você vai aceitar que é não uma fada?

Yareen abaixou a cabeça,seus dedos trêmulos e o olhar fixo no chão, sentindo o peso das palavra de Ayaran.

— Você é uma bruxa, haja como uma!

Ayaran pegou a irmã pela mão e a puxou, levando-a de volta para a escuridão.

[. . .]

Era uma estrada longa demais para as perninhas curtas de Noah. Ele suava debaixo do forte sol que nunca se punha no horizonte de Artriunium, o país mais bonito que ele já tinha visto.

Parou na margem do famoso rio Rodheso para matar a sede. De repente, a pequena criatura percebeu que havia perdido o presente. A preciosa caixinha dourada não estava mais em sua bolsa de viagem.

Noah desesperou-se. Yareen, a fada que havia incumbido o pequeno de levar o presente para o rei de Artriunium o esfolaria vivo logo ao saber da tragédia.

Ele pensou em fugir, mas sabia ser impossível. Decidiu, trêmulo, prosseguir para comunicar ao rei ao menos a intenção da fada, mesmo sendo responsável pela perda do valioso objeto.

O rei o olhava com curiosidade e admiração, pois era muito nobre e corajoso concluir a viagem para comunicar sua falha.

O rei, tocado por tamanha hombridade, mandou-o que dissesse à fada que foi o presente mais especial que já recebera e que gostaria de jantarem junto dali a três noites.

Noah, surpreso, agradeceu a bondade do soberano e voltou correndo para dar a boa notícia à fada.

Surpresa maior o aguardava quando viu a poderosa fadinha bufando de raiva segurando a delicada e preciosa caixinha dourada que ele havia esquecido de levar.

[. . .]

Num outro mundo, Ayaran assistia o amor que nascia entre Yareen e o rei de Artriunium. Sentindo um ódio mortal, ela soltava fumaça pelas ventas, enquanto Miauh a olhava, os olhos verdes se destacando no pelo negro brilhante.

Ela andava de um lado para o outro, pensando no que fazer para destruir aquele romance. Yareen era uma bruxa, nunca foi fada, e ela não ia permitir que a irmã sujasse o péssimo nome da família.

De repente, ela gritou:

— Miauh!

O gato pulou de susto. Não esperava pelo grito estridente. Esticou o corpo esguio, bocejou e deu um miado em resposta.

— Meu querido Miauh! — Ayaran abaixou-se e acariciou a cabeça do gato com dedos ásperos, enquanto um sorriso malicioso se formava em seus lábios. — Preciso que faça algumas coisas para mim! Vou preparar uma vingança e acabar com todas as células traidoras de Yareen. Ela nunca mais se atreverá a me enfrentar e abandonar a família. Tornar-se fada não era uma opção.

Miauh revirou os olhos. Sabia bem que quando Ayaran colocava uma coisa na cabeça, nada, nem ninguém, era capaz de fazê-la mudar de ideia. O gato, manhoso, pulou sobre a imensa mesa de madeira, e esfregou-se na velha bruxa, aproveitando para se coçar em suas verrugas. Os belos, brilhantes e negros pelos contrastavam com a pele cinza e sem viço da amarga tutora. Tutora nada! Na verdade, era Miauh quem cuidava da velha bruxa, apaziguando seus momentos de loucura e devaneios insanos e irrealizáveis.

Ayaran, com os olhos vermelhos, saltados e faiscando, virou-se para o bichano, com seu costumeiro bafo azedo, e disse:

— Miauh, meu amigo — ela sempre falava mansinho quando queria um favor, — você sabe o quanto o estimo e lhe quero bem! — pelo jeito, aquele seria um favor imenso. — Preciso destruir Yareen de uma vez por todas! Preciso da sua ajuda!

Ronronou, como todo gato que se preze, antes de responder.

— Excepcional Ayaran, diga-me, sem delongas, o que deseja de mim!

Ela ficava mansa quando era elogiada. Deu uma risada macabra, digna de uma bruxa má dos contos infantis. O bafo quase fez Miauh cair, mas ele recuperou o equilíbrio e fechou o focinho, para não sentir a podridão de seus desejos.

— Preciso que faça aquela poção mágica — pediu Ayaran. — A que fez para mim, quando destruí Carmosela, aquela ingrata, há trezentos e catorze anos, lembra-se?

Lógico que ele se lembrava. Pobre Carmosela! Ele sentia certa afeição pela boa bruxa, que havia decidido virar fada, assim como Yareen e tantas outras. Era prima distante de Ayaran, mas as duas eram completamente opostas. Carmosela teve a infelicidade de apaixonar-se por Frederico, um nobre que vivia como simples camponês, de bom coração e generoso com seus semelhantes. Os dois eram almas gêmeas, porém Ayaran, invejosa como sempre foi, quis o que Frederico deu à prima: amor verdadeiro. Como não conseguiu, decidiu acabar com a vida da pobre bruxinha-fada. Para piorar, ela nem quis saber de Frederico, sua intenção era apenas tomar o que era de Carmosela e destruir a felicidade da jovem e boa bruxa.

Agora, sua raiva voltava-se para Yareen, a própria irmã, tão boa e generosa quanto Carmosela era. O motivo da ira insana? O amor da bruxa-fada pelo belo e poderoso rei de Artriunium.

Miauh suspirou, cansado. Mais uma vez ele teria que bancar o malvado e fazer seus feitiços para Ayaran ter sua vitória e ficar satisfeita. A bruxa era ela, no entanto a magia era de Miauh, e ela abusava, sem vergonha e sem censura.

— Miauhzinho, meu amor! Você é o gato mais belo e inteligente de todo o universo! Vamos depressa, preparar a poção mágica e acabar com aquela fada horripilante. Sinto que encontrei o amor da minha vida e seremos muito felizes em Artriunium!

Enquanto Ayaran bajulava o gato, esperando conquistar mais uma vitória sobre outras bruxas, ele lhe preparava, pela enésima vez, a poção da ilusão. A realidade, quase sempre, torna-se invisível quando os olhos não querem enxergar a verdade.

Ayaran, como das outras vezes, pensou ter destruído a irmã Yareen, e desprezado o coração do rei de Artriunium, mas o casal seguia junto e feliz, assim como aconteceu com Carmosela e o nobre camponês. Enquanto o

amor continua vivo e forte, a velha e má tutora continuava vivendo no seu mundinho de ilusões, tão falso quanto sua magia.

QUELI RODRIGUES DOS SANTOS, é natural de Brasília/DF, cristã, casada, mãe, graduada em História e pós-graduada em Direito Disciplinar, fascinada por borboletas e colecionadora de pedras. Possui dezenas de poesias e contos publicados em antologias, vencedora do 11° Concurso de Contos do Instituto Federal Goiano; vencedora do Biblioterária/2023, Concurso de contos promovida pelo Programa de Educação e Tutorial de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos – UFSC; menção honrosa no concurso de contos natalinos promovido pela Editora Universo Literário; e finalista de melhor conto da antologia Hotel Fantástico 2023, da Editora Fantástica. Além disso, teve dois livros vencedores em concursos: CAOS NA DELEGACIA, vencedor do 3° Concurso de Apadrinhamento, promovida pela Editora Arte Impressa, publicado em abril/2024; e CAUSOS DA FAMÍLIA BALA, vencedor do Concurso NaNoWriMo, promovido pela Editora Sinna, publicado em dezembro/2024. O original "AS PORTAS MÁGICAS DO COLÉGIO ASTORIA recebeu" menção honrosa no Prêmio Literário Cidade de Manaus 2024. Pretende continuar escrevendo até o último suspiro, e além, se for permitido.

Instagram: [eu.quelinha]

TikTok: [quelinhalopes]

As Sementes de Tallin

Por Luana Fé

Só há uma coisa mais rápida do que um Cavaleiro de Dragão: outro Cavaleiro de Dragão. Milo constatou a veracidade dessa regra na própria pele. Ele sabia que a missão seria difícil, mas não imaginava que tanto. Em questão de minutos, o outro Cavaleiro o alcançou e quando as montarias se emparelharam no céu, medindo forças uma com a outra, e as espadas impuseram suas vontades, um show de luzes podia ser visto do chão.

O tamanho diminuto de Milo, no entanto, não significava falta de bravura. Muito pelo contrário.

— Mais rápido, Knu! — Disse Milo ao seu Dragão. — Ele está quase nos alcançando de novo! Acelera aí!

— Eu estou vendo! — Respondeu Knu. — Você acha que não estou vendo? Pois eu tenho dois olhos enormes e estou vendo muito bem a enrascada em que estamos!

— Então faça alguma coisa! Dê uma pirueta, acelere, faça *qualquer coisa*! Precisamos derrubar esse incômodo ou sermos mais rápidos que eles!

— Talvez você não esteja percebendo, Milo, mas eles estão no mesmo nível que nós, talvez até um pouco acima! Como se luta com alguém assim?!

— Ora, meu amigo, você nunca foi pessimista nem covarde! E principalmente: nunca foi lento!

— Lento?! Estou indo o mais rápido possível! Mas sou realista: nossa carga é preciosa demais para morrermos aqui. Mesmo assim, eu realmente não estou vendo uma saída e... Cuidado!

Os dois Dragões se emparelharam novamente. O segundo Cavaleiro estava determinado em sua missão. Ele pulou do seu Dragão para Knu, trazendo fogo no sangue e aço afiado na mão.

— Dê-me as sementes, Milo, e deixarei vocês irem! — Disse o segundo Cavaleiro.

— Nem nos seus sonhos! Não sei quem você é, mas não vai levar essas sementes! Nós vamos leva-las para Rochefort!

— Sua cidade não é a única que está sofrendo com a fome, Milo! Outras cidades dariam tudo o que têm por essas sementes!

— Ah, então você é um mercenário?! Um ladrão?!

— Eu não sou ladrão! Para começo de conversa, foi você quem roubou as sementes de mim! Eu achava que Cavaleiros de Dragão tinham coração nobre, mas ao que parece em Rochefort não é assim! Você roubou as sementes de mim no instante em que eu as colhi da árvore Tallin!

— Eu sou nobre, sim! Mas não sou otário! Meu povo está passando fome e eu vou levar essas sementes mágicas para eles! Knu, manobra evasiva número dois agora!

Knu imediatamente deu uma guinada rápida para a direita, enquanto Milo se abaixava e dava uma banda no segundo Cavaleiro. Desequilibrado pelo golpe e pelo movimento do Dragão, ele caiu vertiginosamente, mas foi salvo pelo seu companheiro.

— Knu, rápido, temos que despistá-los! — Gritou Milo.

Knu se embrenhou por algumas nuvens de tempestade que se aproximavam. Os perigos ali eram quase tão arriscados quanto enfrentar o inimigo.

— Nas nuvens de tempestade?! Sério?! Você está louco, Knu?!

— O que você queria que eu fizesse? Sabe, não há muitos lugares para nos escondermos agora que estamos sobrevoando o Mar do Sul! Nas nuvens é melhor que nas ondas, você sabe que tem medo do mar!

— Hunf, pare de ser implicante, Asachama! Seguiremos pelas nuvens, então. Se você conseguir desviar dos relâmpagos, estaremos seguros. — Milo foi se acalmando aos poucos. Suspirou. — Sabe o que eu queria?

— Estar em casa logo?

— Além disso. Queria ver o rosto daquele Cavaleiro.

— Por quê?

— Bem, ele falou sobre outras cidades também estarem passando fome. A princípio pensei que era um mercenário, mas talvez eu esteja enganado. Acho que se eu puder ver seus olhos, de verdade, vou entender melhor porque ele quer as sementes.

— O Rei Rataz não falou mais nada a você quando te designou para essa missão?

— Não, já repassei toda a conversa — Milo observou as escamas do Dragão. — Por quanto tempo você ainda consegue voar?

— Não muito. Mais uma hora. Duas talvez. A viagem de ida, o roubo das sementes e a batalha contra o Cavaleiro e o Dragão dele puxaram muito das minhas energias. Em breve vamos precisar descer e continuar o caminho por terra.

— Certo — uma ruga de preocupação surgiu na testa de Milo. — Continue pelas nuvens mais um pouco, então, mas desça até as bordas. Vamos para a Floresta dos Murmúrios. Lá será melhor para nos escondermos, caso o Cavaleiro volte.

Eles voaram por mais algum tempo. Quando finalmente avistaram a Floresta dos Murmúrios, desceram. Knu assumiu sua forma compacta de

viagem para poupar energia: uma pequena cobra. Milo carregou seu amigo pelo caminho até encontrarem a borda de uma clareira.

— Não me entenda mal, Milo, mas não é arriscado ficarmos aqui? O Cavaleiro pode nos encontrar.

— É exatamente por isso que paramos aqui. O lugar mais seguro é aquele que é mais arriscado. Estratégia de fuga número três do Livro dos Heróis.

— Você sabe que essa leitura não é recomendada pela Academia — Knu deu uma risada leve.

— Durma um pouco — Milo retrucou, azedo. — Eu fico de vigia.

— Você vai aguentar? — Knu ergueu uma sobrancelha. — Também está cansado.

— Não se preocupe. Você precisa descansar mais. Amanhã sairemos cedo.

— Não deixe de me acordar se precisar descansar ou se qualquer coisa acontecer. Boa noite.

Enquanto Knu dormia, Milo observava a floresta. As lembranças da conversa que tivera com o Rei Rataz vagaram por sua mente mais uma vez.

— Majestade, Milo de Trevo ao seu dispor.

— Fique à vontade, Milo. Fui informado que você foi um dos primeiros alunos da turma de Cavaleiros de Dragão deste ano e o primeiro a formar a conexão com seu Dragão, um feito que só guerreiros de nobre coração poderiam alcançar.

— Isso mesmo, milorde.

— Ótimo. O que você estaria disposto a fazer pelo seu povo?

— Tudo o que estivesse ao meu alcance e mais, milorde. Daria minha vida pelo povo.

— Ótimo, ótimo. Vamos esperar que não chegue a tanto. No entanto, avalio muito bem sua postura. Vejo que você é o rato certo para esta missão.

— Muita bondade sua, milorde.

— Milo, você de certo sabe da situação sobre os suprimentos da cidade...?

— Sim, milorde. Uma terrível praga assola nossos campos. Os alimentos produzidos são insuficientes. Nossos estoques diminuem a cada dia, e em algumas regiões da cidade algumas famílias já estão passando fome. Não levará muito tempo até toda a cidade estar na mesma situação.

— Você está bem informado, Milo — um sorriso perpassou o rosto do Rei. — Devo supor que tem espiões na corte real?

— Com todo o respeito, milorde, sou um humilde Cavaleiro de Dragão, seu servo. A situação está clara para mim apenas porque minha irmã e meus sobrinhos moram na região da cidade que já enfrenta a fome. Eles estão em situação realmente perigosa. Gostaria de ajuda-los, mas não posso sair da Academia de Cavaleiros de Dragão sem permissão.

— Então você realmente é o rato certo, não só pela sua lealdade ao povo, como também pela lealdade à sua família. Preste bastante atenção — Rataz fez sinal para que Milo se aproximasse. — Recebi informação confidencial sobre uma cidade que não está enfrentando a fome. Esta cidade se chama Nuts-sur-la-Seine. Há boatos de existir nela uma árvore lendária, conhecida como Tallin. Essa árvore dá frutos muito suculentos, mas a maior maravilha são suas sementes: se plantadas antes dos primeiros raios de sol do equinócio de primavera, elas germinarão e nascerá outra árvore Tallin.

— E o que essa árvore tem de especial, milorde?

— Ela é capaz de sobreviver a qualquer intempérie, a qualquer praga — os olhos do Rei se arregalaram. — Por centenas de ano! Um único de seus frutos pode alimentar uma pessoa durante meses! Há histórias de pessoas

que só precisaram se alimentar um ano após ingerirem os frutos milagrosos! A cidade de Rochefort precisa dessas sementes, Milo, o povo precisa dessas sementes para continuar vivo! Você entende o que estou falando?!

— Milorde, se me permite dizer, isso é um milagre! Seria a resposta de todos os nossos problemas! O povo... Minha família... Todos poderiam comer um dia e não se preocupar mais com comida por um ano inteiro. Estaríamos salvos!

— Vejo que compreende a situação, Milo — um sorriso satisfeito brincou no rosto do monarca. — Vou passar sua missão. Fique em forma!

— Sim, milorde! — Milo fez posição de sentido.

— Você deve ir à cidade de Nuts-sur-la-Seine. Descubra o que os moradores sabem sobre a árvore Tallin e verifique se os boatos são verdadeiros. Se assim forem, traga aquelas sementes até mim, digo, até nossa cidade, onde os feiticeiros e os agricultores reais vão estudar — o melhor lugar para plantá-las aqui.

— Sim, milorde! Ao seu dispor!

— Milo — Rataz segurou o súdito pelos ombros —, você está prestando um serviço de extrema importância para a cidade de Rochefort. Tenha isso em mente. Essas sementes não têm preço. Faça tudo o que precisar fazer para obtê-las. Não as perca por nada!

— Sim, milorde!

— Em agradecimento aos seus serviços nessa tarefa arriscada, mandarei trazer seus familiares ao palácio para que sejam alimentados. Eles estarão em segurança quando você retornar... Se correr tudo bem.

— Milorde — o jovem fez uma reverência —, obrigado por cuidar da minha família! Agradeço imensamente!

— Fale com seu comandante na Academia de Cavaleiros de Dragão para lhe dar o material que você vai precisar. No entanto, esta será uma missão

solo. Como você deve saber, as cidades vizinhas estão desesperadas e começaram a atacar Rochefort em busca de comida. Nosso exército não pode deixar a cidade, porque deve proteger o estoque.

— Eu compreendo, milorde.

— Ótimo. Uma última coisa: reforço que você não deve perder as sementes. Se alguém entrar no seu caminho, elimine-o! Dispensado!

Milo estava muito animado com a missão e com a possibilidade de contribuir para melhorar a vida do seu povo. Além disso, iria melhorar diretamente a vida de sua família.

"Espere por mim, pessoal!", ele pensou ao deixar a sala do trono e se dirigir novamente para a Academia, "eu vou melhorar a nossa situação. A vida vai sorrir para nós novamente. Nossa família estará sob a proteção direta do Rei!".

Ao chegar à Academia, Milo procurou seu mestre e, em seguida, Knu, que estava no jardim oeste, tomando banho de sol. Dragão e Cavaleiro então partiram para a missão, encontrando a árvore Tallin em Nuts-sur-la-Seine sem esforço. Não era exatamente como se os moradores quisessem esconder a planta centenária: ela estava à vista de todos, nos jardins da biblioteca pública. Ao lado da árvore havia duas figuras, uma enorme e brilhante e outra pequena e mascarada: o segundo Cavaleiro já estava lá com seu companheiro.

— A notícia se espalhou mais rápido do que pensamos! — Milo sussurrou.

— Então você acha que os boatos são verdadeiros? — Knu, em sua forma serpentária, se remexeu no ombro do amigo.

Após um breve silêncio, Milo continuou:

— Acho que não teremos tempo de fazer testes — Milo olhava as sementes com ardor. De súbito, saiu do transe. — Knu, Estratégia número cinco!

Knu esgueirou-se até onde estavam o outro Cavaleiro e seu Dragão e pé ante pé, ou por assim dizer, entrou no bolso do rival, enquanto Milo os distraía. Era tarde demais quando o Cavaleiro percebeu o ocorrido, subindo como o vento em sua montaria, no encalço dos trapaceiros.

Agora ali, na Floresta dos Murmúrios, com o sol quase nascendo, Milo se permitiu ter dúvidas. "Não podemos nos entregar!", Milo pensou, "E nem abrir mão das sementes, mas eu *preciso* entender o que está acontecendo! Ele precisa se explicar! Ou quase isso...".

Como se ouvisse seus pensamentos, o segundo Cavaleiro apareceu quando Knu deu um bocejo. O Dragão e o Cavaleiro desceram com elegância, mas ainda fazendo um grande barulho e arrancando algumas árvores da fronteira da clareira. O Cavaleiro parecia não ter sofrido danos muito sérios pela queda, indicando que seu Dragão o tinha resgatado com rapidez, antes de atingir o mar. "Uau! Eles são realmente uma dupla e tanto!", pensou Milo sem conseguir desviar o olhar. "Será que um dia seremos como eles?".

— Eu sei que vocês estão aqui. Saiam agora. — A voz calma do Cavaleiro cortou o silêncio, mais aterrorizante do que sua fúria poderia ser.

— Milo, eles estão aqui! — Sussurrou Knu, já desperto, porém ainda em sua forma de bolso.

— Shhhh! Eu estou vendo, Knu. — Devolveu Milo, também aos sussurros. — Você já pode se transformar novamente em Dragão?

Knu negou com a cabeça, frustrado em não poder participar da briga. — Certo — Milo suspirou. — Então, o que nos resta é ganhar tempo. Avise-me quando estiver pronto.

O pequeno jovem se levantou dos arbustos e se dirigiu para o segundo Cavaleiro em voz mais alta:

— Como você me achou, Cavaleiro? — Milo gritou para o rival.

— Não foi difícil. Foi até bem fácil, na verdade. Mesmo entrando nas nuvens de tempestade, o que foi uma completa loucura, a mágica de vocês deixou uma trilha clara. Vocês têm uma assinatura mágica peculiar.

— Não sei se agradeço o elogio ou se o corto pelo insulto, Cavaleiro. Sabe? Já disseram que somos muitas coisas, mas "peculiar", nunca. Você é sempre indiscreto assim?

— Só quando estou em missão.

"Espera", pensou Milo, admirado, "ele está tentando fazer uma piada?".

— Conte-me, Cavaleiro — começou Milo —, por que deseja essas sementes?

— Minha cidade está passando fome. Como eu falei, daríamos qualquer coisa para termos essas sementes. Qualquer coisa — ele frisou. — Mas infelizmente só temos um Rei doente e um príncipe inútil, que acha, pateticamente, que manterá seu trono se levar... Se me fizer levar essas sementes.

— E por que você aceitou a missão? Você é uma marionete deles?

O Cavaleiro esboçou um sorriso. Em seguida, riu com mais força, em tom irônico.

— Todos nós somos marionetes das cortes reais das nossas cidades, Milo. — Nós não temos escolha.

— Você pode até não ter, mas eu tenho. Estou aqui pelo meu povo e pela minha família, e por eles vou lutar até o fim.

O segundo Cavaleiro olhou para Milo por um instante.

— Eu me enganei, Milo, você é de fato nobre, como um Cavaleiro de Dragão deve ser, mas isso só demonstra como está sendo enganado... pelo seu Rei.

— O grande Rei Rataz não engana nosso povo! Não sei como é no lugar de onde você veio, mas em Rochefort as coisas são diferentes! Nossos monarcas são bons e se preocupam com cada súdito!

— Então, além de enganado você é idiota.

Milo bufou. O Cavaleiro estava tornando aquela conversa muito difícil. Porém, Milo resolveu entrar na onda.

— Pelo bem do argumento, vamos então fingir que sou um idiota. Por favor, comece a contar desde o início. O que você sabe sobre Rochefort e sobre mim? Use palavras fáceis, por favor.

— Fingir? Não precisamos fingir. Enfim, Rataz não é tão bom Rei quanto vocês pensam. Nós temos espiões em sua corte real. Eles afirmam que Rataz está escondendo a comida do povo para dar somente ao seu exército.

— E por que ele faria isso? — Milo ergueu uma sobrancelha.

— Porque, secretamente, os ratos pretendem declarar cerco à minha cidade. E o Rei está desviando todos os suprimentos e armas para isso. Você talvez tenha reparado que, inclusive, alguns dos ferreiros da sua cidade desapareceram. Suas famílias foram deixadas à mingua sem saber o motivo dos desaparecimentos.

— Um ponto para você. De fato, nossos ferreiros têm sumido. Há Cavaleiros de Dragão investigando esse assunto.

— Cavaleiros de Dragão investigando esse assunto? Pois com certeza já se bandearam para o lado da guerra. E aqueles que se negaram não serão mais vistos.

— Cavaleiros de Dragão são nobres e muito bem treinados! Não é possível eles se unirem ao lado que supostamente fere o povo! E não seriam vencidos tão facilmente!

— E se eles também acreditarem que essa guerra é algo bom? Que vai trazer benefícios para a cidade e evitar futuras guerras? E para isso qualquer

sacrifício é válido, inclusive as atrocidades que estão fazendo contra seus conterrâneos?

— Não acho impossível, mas digo que você está errado. Você falou em prejudicar famílias. Nosso Rei não é assim! Ele se preocupa com todas as famílias do povo, incluindo a de um zé ninguém como eu. Em reconhecimento à minha bravura nesta missão, ele inclusive se ofereceu para abrigar a minha própria família, entre as muitas que enfrentam a pobreza.

— Milo, sua lealdade a esse Rei será sua ruína! Pense bem! — O segundo Cavaleiro estava sibilando de frustração e raiva. — Seu Rei se ofereceu para abrigar sua família pela bondade do coração dele, ou para sorrateiramente, bem debaixo do seu nariz e com seu consentimento, usá-la como refém? Pense bem! Se você voltar com as sementes e de fato seu Rei estiver tramando a guerra e querendo desviar toda a comida para o exército, ele vai te deixar sair livremente? E se você conseguir sair e pensar em uma rebelião, terá coragem de atacar, sabendo que sua família está como refém no palácio?!

— Eu... — Milo perdeu a voz. Havia sentido nos argumentos do rival, mesmo assim, Milo não conseguia acreditar. Quem estava com a razão? O Rei ou aquele Cavaleiro que acabara de conhecer?

— Milo, agora!

Knu assumiu novamente seu formato de Dragão e, combinando seus poderes dracônicos com os de Cavaleiro de Dragão de Milo, eles eram invencíveis, ou ao menos era capazes de pegar o inimigo desprevenido.

— Escamas Flamejantes! — Gritou Knu.

— Tufão das Almas! — Gritou Milo.

A fama precedia os poderes de Milo e Knu. Combinados eles geravam um verdadeiro fenômeno da natureza. O outro Cavaleiro e seu Dragão foram lançados a milhas de distância. Ou ele ficou um pouco mais devagar com o acidente anterior, mais do que aparentava, ou de fato fora pego desprevenido.

Pouco importava o motivo. Milo e Knu aproveitaram a oportunidade e subiram em uma coluna de ar formada pelo rato. Lá de cima, viram que o capacete do Cavaleiro inimigo tinha caído.

— Knu, ele é um esquilo! Ele é de Pecã! Eles são os piores inimigos de Rochefort! Precisamos ir embora, rápido! Rápido!

— Mas para onde vamos? Voltar a Rochefort? E se o esquilo tiver razão? Vamos estar em maus lençóis. E se não voltarmos, sua família pode pagar o preço!

— Eu sei, eu sei! Não podemos voltar até entendermos a situação! Vamos encontrar um lugar seguro para ficarmos e depois vamos tentar entender o que está acontecendo.

Lá embaixo, o esquilo conseguiu se recuperar, mas não o suficiente para voar atrás de Milo e de Knu.

— Milo, guarde bem minhas palavras! — Gritou o esquilo. — Sua lealdade será sua ruína! Você acha que sou mercenário, mas o mercenário aqui é você!

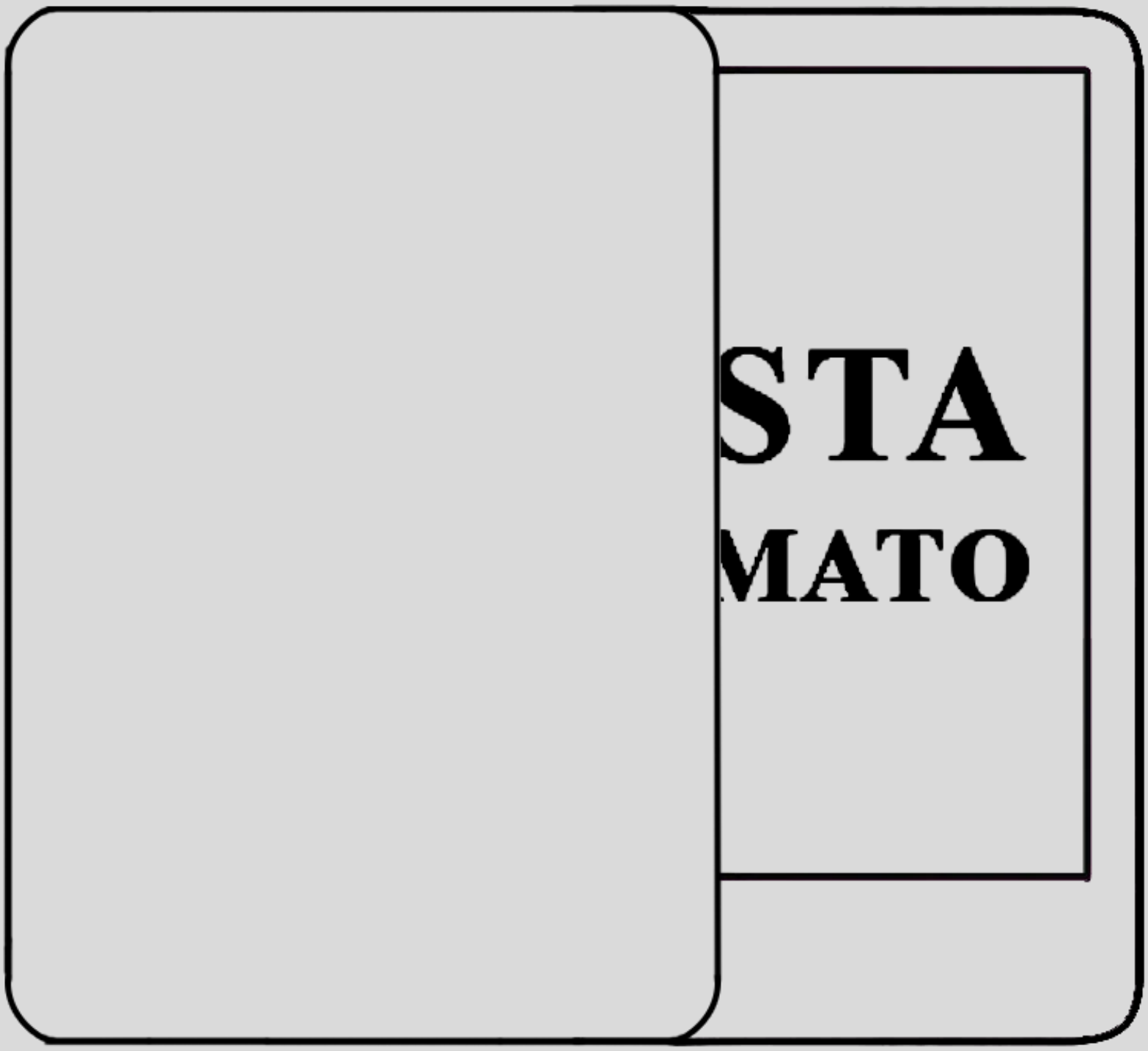
— Ele ficou realmente bravo! — Disse Knu, os olhos enormes arregalados.

— É — concordou Milo. — Mas temos problemas maiores e mais urgentes a resolver. Vamos embora, antes que ele consiga vir atrás de nós.

Luana Fé é carioca e muito orgulhosa de fazer parte de uma família multiespécie. Adora ouvir histórias desde pequena. Seu desejo de ser escritora é antigo, mas só recentemente deu vazão a esse sonho. Curiosa, gosta de escrever textos sobre gatos e suas famílias, fantasia, mistério e ciência, mas também ama desafios literários. É uma das autoras das antologias de microcontos "100 Palavras", com dois textos selecionados, e "Cinco Elementos", com cinco textos selecionados, dentre os quais um recebeu menção honrosa como Mestre do Elemento Ar; e das antologias de

contos "A Lua Gibosa do Bosque da Solidão", "Pistoleiros", "Inquisição", "Páginas Rasgadas", "Era Glacial", "Destino", "Quem Matou a Menina da Dancinha?", e "Portas", da editora Triumphus; "Ventos do Oriente" e "Familiar - Companheiros Mágicos", da Editora Medusa; "A Última Aula", "Samhain - Entre Mundos", "Sob a Lua de Sangue" e "Mistérios do Véu", da Editora Orlok; e compõe o e-book de Ficção Científica gratuito da editora Mar de Arte.

Instagram: luana_gmfe





Chegar até aqui nunca é um caminho solitário. Cada edição da revista O Autômato é construída com dedicação por aqueles que acreditam no poder das histórias. Em primeiro lugar, deixamos aqui nosso agradecimento aos autores participantes, por transformarem palavras em mundos fantásticos, luzes em inspirações e sombras e narrativas. Em cada conto presente nesta edição nós podemos encontrar o compromisso com a criatividade das mentes que aceitaram o desafio de nos transportar para outras realidades.

E, é claro, um imenso obrigado a vocês, leitores! Seu apoio e entusiasmo são o combustível que nos impulsiona a continuar criando novas edições. Desejamos que as páginas que você percorreu neste trabalho tenham despertado emoções, reflexões e um encantamento ímpar que só a literatura é capaz de nos proporcionar.

Nos vemos na próxima edição!

@OAUTOMATO_REVISTA